

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 18 A 24 DE ABRIL DE 1977

ANO II - N.95 - Cr\$ 2,00



OS USUÁRIOS ESTÃO
FALANDO MAL DOS ÔNIBUS,
NA PÁGINA 16.

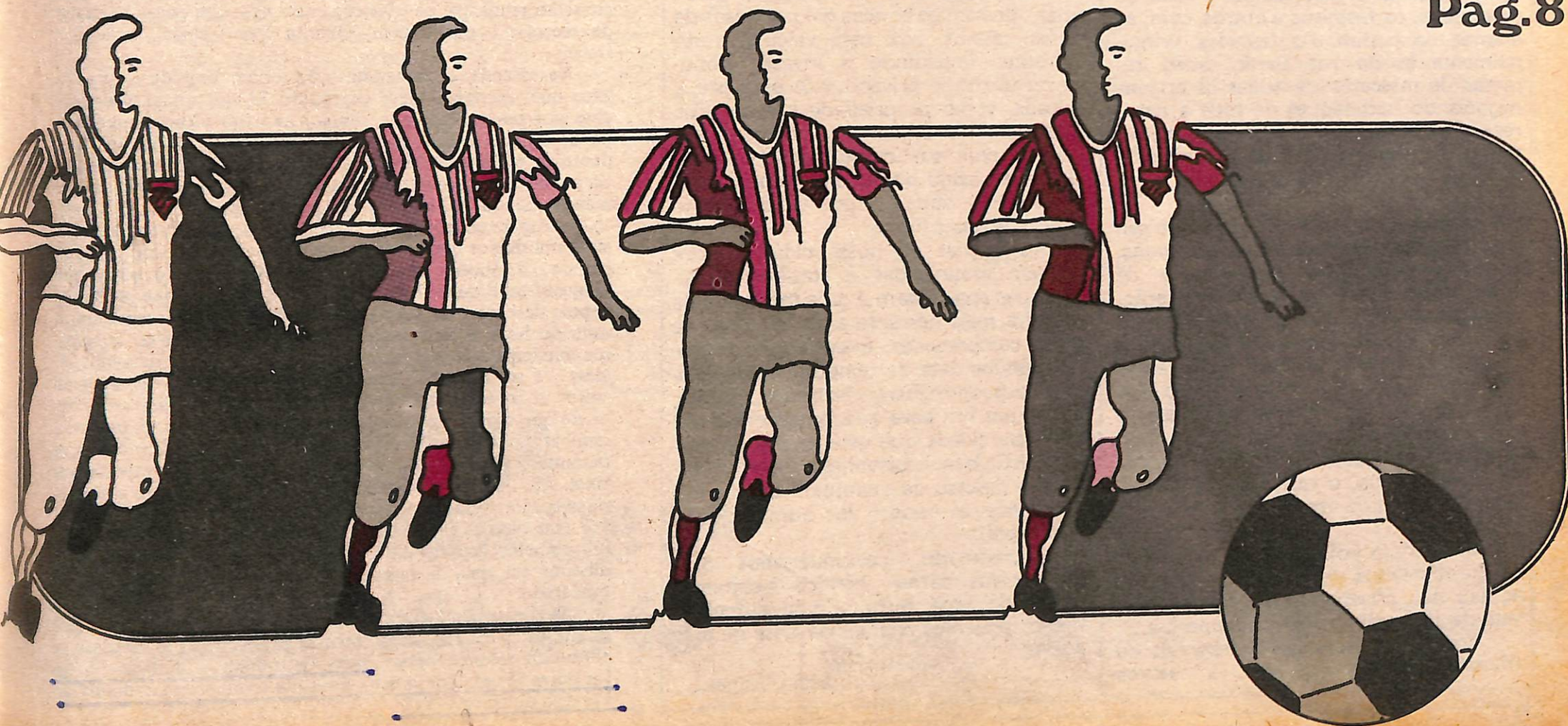


NA PÁGINA 5, SANDRO
SINTONIZA A IMPRENSA
LOCAL. NÃO REPARE.



VAI, PAULISTA, QUE A TORCIDA VAI JUNTO.

Pág.8





A HISTÓRIA RESPONDERÁ.

Não obstante todos os generais guindados à chefia da república, como delegados do movimento de 31 de março de 1964, tenham, um a um, de Castelo a Geisel, reafirmando os seus compromissos no sentido de devolver o país à normalidade democrática, os fatos mais recentes, assim como os mais distantes, ao longo dos 13 anos do regime, estão aí registrados para contradizê-los.

Torna-se então, por demais claro e evidente, que os verdadeiros objetivos e propósitos da malsinada reforma em curso, não são o de aprimoramento das instituições políticas nacionais, haja visto que os poderes legislativo e judiciário, dois dos mais importantes pilares de um regime que se quer democrático, saem enfraquecidos deste infeliz episódio. Trata-se, novamente, de impedir que milhões de brasi-

leiros, no exercício inalienável de seus direitos de cidadãos, elejam os seus respectivos mandatários, quer pertençam à oposição ou ao dócil destacamento arenista, pois até este partido que se diz do governo não tem o poder, e quando dá seu voto e apoio ao elenco de medidas coercitivas da vida política, que ora são adotadas, mais se distanciam dele.

Aos atuais detentores do poder, determinando o fechamento do Congresso Nacional, e não se diga que se trata de um mero "recesso técnico", e transferindo a ação legisferante da mais alta casa leis da nação, constituída através de eleições livres e diretas, para um restrito grupo, cabe a parcela maior de responsabilidade pelo inegável retrocesso político a que fomos levados.

À história caberá julgar.

Germano Neto

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BANCO DE RESERVAS.

Enquanto o seu lobo da imprensa não vem (veja "Coisa & Tal", na página ao lado), começamos este comentário da forma tradicional: segundo fontes dignas de crédito, tanto o prefeito Pedro Fávoro, quanto o secretário da Educação Flávio D'Angieri estão preocupados com a situação em que está a direção da Faculdade de Educação Física do município. Como se sabe, o ex-prefeito Cruz nomeou para dirigir aquela autarquia, pelo período de quatro anos, o prof. Hélio José Maffia, cuja presença em Jundiá se dá apenas por aparições nas páginas esportivas de jornais da Capital, ou em flashes de reportagem de campo das transmissões de futebol pela tevê. Ou seja,

quem quiser se esconder do prof. Maffia basta se sentar em sua mesa de "trabalho", na diretoria da Faculdade.

Enquanto isso, o ensino — no que tange às orientações da diretoria — está nas mãos de Deus, como quase tudo neste país, de uns tempos para cá.

Não acreditamos que o prof. Maffia possa ser enquadrado na figura do "chupeta", tornada clássica por Simão nos seus comentários do "Canto Chorado". Acreditamos que seus afazeres profissionais o impedem, realmente, de dar a devida atenção ao importante cargo na Faculdade. Apenas criticamos a acomodação do diretor à essa situação, fato que demonstra, na melhor das

hipóteses, um pouco caso pela cidade onde viveu e que ainda que por meio de um mau representante — o ex-prefeito — escolheu seu nome para dirigir a escola-autarquia.

Não sabemos que caminhos o atual prefeito tem para afastar Hélio Maffia do cargo. Mas acreditamos que Pedro Fávoro, como homem responsável, deveria entender-se com o técnico do Palmeiras, para que ele decidisse entre a conquista de mais um título de campeão para o seu currículo profissional e a obrigação de responder, com trabalho, pelo dinheiro público que está recebendo como diretor da Faculdade de Educação Física.

Equipe J 2a.

Assuntos Municipais

CASA DE MÃE JOANA.

Costuma-se chamar — e aqui vai um eufemismo menos rebarbativo — Casa de Mãe Joana aos lugares onde ninguém manda e que por ninguém mandar cada um faz o que quer e como quer.

Serve esta premissa para estabelecer uma comparação, ainda que um tanto grosseira, entre a Casa de Mãe Joana e o comportamento público nas ruas da cidade.

Sempre que um sapateiro qualquer se dispõe a vender seus borzeguins por "preço de banana", arvora entre dois postes da iluminação externa uma faixa de pano vistosa e sedutora aos incautos que ainda não se deram conta de que a banana já não é comida pra marmiteiro. O mesmo se habituaram a fazer os esportistas, os festeiros e outros, com as árvores do jardim. As calçadas, principalmente as da rua Barão, estão repletas de mascates de todas as origens negociando badulaques de toda a natureza. Os que vão se casar, ou batizar, entopem a praça com seus "carangos", furtando ao gentio passante o seu direito mais legítimo.

E assim, cada qual vai "vendendo seu peixe" como quer na Casa de Mãe Joana.

Enveredando por outro setor de atividade no tocante à liberdade de ação, começamos constatar, de uns tempos a esta parte, o veso predador que vem se arraigando na notória competição fachadista da rede bancária. Cada banco que promove uma reforma de seu prédio e tem condição de fazê-lo, reserva logo uma área avançada até o limite da guia na divisa da rua, o que, sem dúvida nenhuma, de algum modo até embeleza o local.

Mereceriam pois, louvores, os nossos estabelecimentos de crédito se ao assim agirem não criassem o aleijão que hoje vem dando ensejo a estes comentários.

Acontece que, a parte destinada ao trânsito público, ou seja, a calçada

propriamente dita, também acaba se tornando um segmento da área particular, de vez que, inteiramente deformada, serve mal o interesse de seu usuário comum. no caso o povo em geral, que por ali caminha em incessante fluxo e refluxo.

Haja vista, para exemplificar, o que estamos presenciando no frontespício dos bancos Itaú e Crédito Nacional. As calçadas municipais naquele ponto não são do povo. Estão chanfradas em toda a sua largura para que a rampa suavize a entrada dos automóveis, enquanto que os transeuntes tem que moderar os passos acautelando-se contra tombos e escorregões nada agradáveis.

Admita-se que, na metragem particular, possam os bancos colocar vasos de flores, relevos, box para veículos e até correntes impedindo a invasão popular do território privado. Não obstante, a calçada, como propriedade legítima que é daqueles que andam a pé, deve ser conservada com sua conformação natural. Quem já passou por aquele trecho nos dias chuvosos, pode avaliar melhor o significado de nosas linhas.

As calçadas de nossa cidade, sobre estarem esburacadas e totalmente danificadas apresentam a guisa rebaixada da maneira mais berrante e grotesca que se possa compreender. Essa desídia do poder público data de tempo que a memória não pode registrar. Necessita, porém, de ter um fim para que comecemos a tratar desta cidade que ostenta nas suas características mais bisonhas a incompetência e o descaso de quantos tiverem entre os dedos as rédeas da administração municipal.

Entrementes, continuaremos contemplativos como sofridos penitentes povoando uma terra a qual eufemicamente podemos chamar de Casa de Mãe Joana.

Elcio Vargas

Papo Furado

TODOS VIRAM, NINGUÉM SE MEXEU.

Por via das dúvidas antes que tomem por aquilo que estou longe de ser, deixem que me apresente. Eu sou um democrata. Democrata de natura. Um democrata na mais expressa acepção da palavra. Um democrata social não obstante ser também um democrata político. A liberdade tem para mim a dimensão que lhe dá a águia ao dominar o espaço. Porque pensando como Junqueiro, entendo que a vida só é boa quando a gente é livre. A liberdade é a lei.

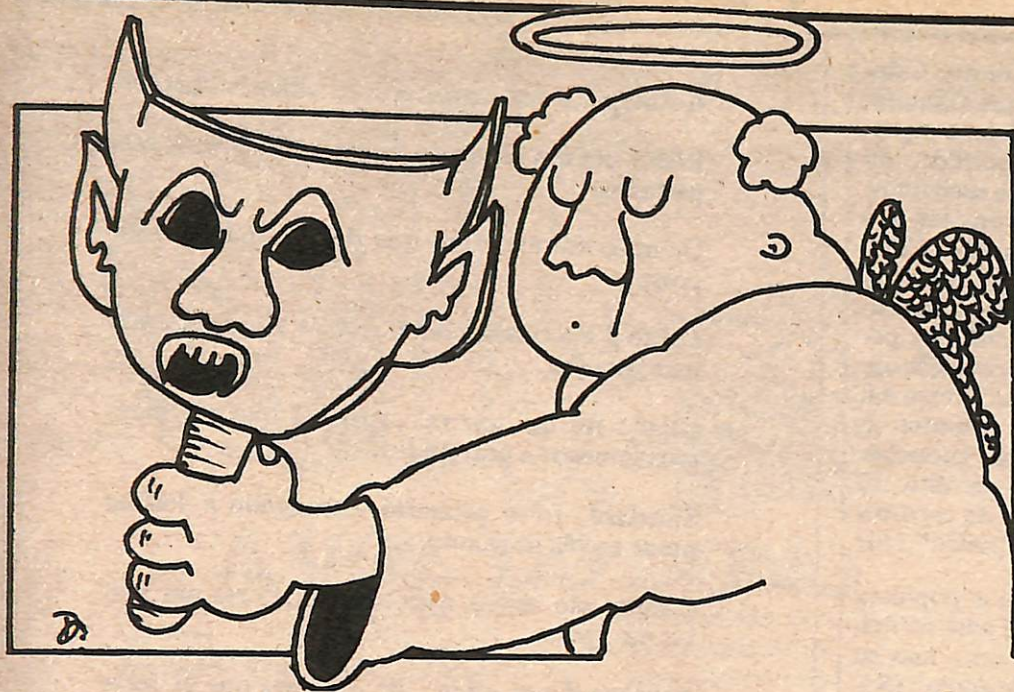
Como todos sabemos, poderes absolutos decretaram n'outro dia o recesso do Congresso. Fizeram bem? Fizeram mal? O tempo responderá. Se por petulância eu tentasse deitar luz sobre o mérito, o clarão de minha arenga seria de pronto ofuscado pela luz mortífera de um pirilampo. Complexo demais, o recesso do Congresso é assunto que me não compete discutir e, para ser honesto, nem saberia fazê-lo.

"Mutatis mutandis", porém, isto é trazendo o papo aqui pra nossa parvonia, há que se dizer como seria bom um conselho municipal de olheiros entre nós. Um conselho capaz de recessar a pilantragem. Quanta "marmelada" teria sido frejada.

Na colenda, os camaristas não teriam alegrado a tripa do jeito que alegraram. Nem engrupido 21 mil cruzas só de lanches nos poucos dias que funcionaram no último dezembro. Só de lanches... É muito lanche pra pouca barriga. Aí tem dente de coelho. Isso tem. E por falar em coelho vem a memória aquele almoço que nos custou (a todos) a bagatela de 900 mangos, sendo 700 só para antepasto. Pros cachorros! É muito pasto para um coelho só! Que será que ele comeu? E aqueles 2 mil diários que refestelaram a mordomia oficial; e o feijão do S. Vicente que levaram para casa; e o whisky que ninguém sabe quem bebeu; e aquele chupeta que na Bahia, depois de comer do bom e do melhor, mandou aumentar a nota do hotel engarfinhando a diferença; e aqueles congressos municipalistas que faziam inveja à mordomia da rainha inglesa; e as "manjatas" que o alcaide oferecia aos visitantes do peito; e as contas da Paulicéa, do Balaio e do Haiti; e a chepa de que devem estar saudosos os bedéis da guarda pessoal e familiar; e as notas das boates cariocas, convertidas em "restaurantes" por um simples traço de lápis sobre a espécie original. Ah... e quantas coisas mais além daquelas que a memória já apagou. Quantas.

Que bom se as reformas em preconício criassem para nós um conselho municipal de olheiros. Infelizmente não tivemos olheiros em cima da maroteira de tudo o quanto aqui foi escancarado.

Se tivéssemos logrado um conselhozinho de olheiros, por mixuruca que fosse, teria ouvido a grita do J2 e cerceado a glotonária dos chupetas. Nem Petronilha — coitada — a estas horas estaria, como está, desnuda e mostrando a bunda no Córrego do Mato. —V/2.



Como e porquê

Faz mais ou menos uns quatro meses, o jornalista Alberto Dines, da "Folha de S. Paulo", fez o registro da nossa existência, em sua sessão dominical "Jornal dos Jornais, uma das mais lidas no país. Dines falou do Jornal de 2a.: é um semanário sacudido que se publica em Jundiá".

E como acertou no termo!

De fato, foi através de uma sacudidela em nossos nervos e ossos que um grupo de pessoas decidiu criar este semanário. A intenção: sacudir a opinião pública a respeito das barbaridades que vinham sendo praticadas nesta cidade pela administração Ibis Cruz.

Pois bem, apesar da gente ter procurado fundamentar cada denúncia, ter procurado argumentar até a exaustão onde estavam os abusos que vitimariam (como vitimaram) o dinheiro público, ainda assim houve quem nos acusasse de "tendenciosos". Outros, mais ligados às jogadas realizadas no governo que antecedeu a Pedro Fávoro, esquivavam-se dos ataques contra suas ações imorais alegando que "todo mundo faz isso"; ou ainda que, também entre nós, do jornal, havia "flores que não se cheiram".

E aí cabe um esclarecimento que julgamos importante. Ao nos levantarmos contra os abusos e desmandos praticados contra o povo e as instituições ainda dignas de serem prezadas, nós jamais pretendemos ser os arcanjos-mensageiros da Verdade; jamais pretendemos ser os Puros, os Imaculados (eu, hein?). Apenas julgamos que no país — note bem, no país e não apenas em nossa cidade — estava-se instalando uma moralidade frouxa, típica de terra tombada, que permitia a um bando de aproveitadores, protegidos por corsários aboletados em cargos altos, sugarem tudo quanto pudessem das tetas da coisa pública.

Foi esse clima de guerra que nos fez, algumas vezes, vestir trajes de Joana D'arc na tentativa de proteger os interesses da maioria, bem como de salvaguardar o pouco que restava de decência na gestão dos assun-

tos municipais. Mas a alva armadura que temos usado está longe de significar que pretendemos a pureza da donzela de Avignon: não somos nem tão ingênuos, nem tão estúpidos.

Por outro lado, é bom que fique bem clara nossa posição: embora sem pretender a canonização, embora sem a beatitude a orientar cada ação nossa, temos a firme convicção de que devemos lutar pela causa maior, a causa do interesse social. Até porque, dada nossa condição particular, teríamos muito pouco a perder com a instauração do regime de corrupção e prepotência: não dependemos dos corruptos ou dos poderosos para sobreviver.

(Eu, particularmente, que fui considerado pelo "Jornal de Jundiá" um **arquiinimigo** do ex-prefeito, digo que, não fosse minha consciência social, sentiria por todos os ibis do mundo o maior dos desprezos. Até porque eu nunca precisei deles, naquilo que eles podem oferecer como "grandes oportunidades". E, diante da "autoridade" que arrotam, eu me comporto regredidamente: pago impostos, ando com documentos no bolso, esses troços todos absolutamente desprezíveis dentro da minha escala de valores).

Por isso, se a gente acaba tendo coragem (ou atrevimento?) para denunciar o poderoso, ou para sair em defesa dos sem proteção, se a gente tem coragem de se expor como críticos, é porque nós achamos que a luta é maior transcende ao pessoal — embora tenhamos que, vez por outra, dar nomes aos bois, quando esses bois, estão atrelados ao carro da imoralidade e da subversão dos valores.

E, por acreditarmos que não serão as máculas do guerreiro que irão sujar a bandeira pela qual lutamos, continuaremos sendo o jornal sacudido que se publica em Jundiá.

Sacudido na denúncia dos desvios tanto quanto no apoio às ações corretas. Ambos desinteressadamente.

Erazé Martinho

ASSINE
© JORNAL DE 2ª
disque: 434-8648

UMA AMEAÇA À LIBERDADE DE IMPRENSA

Quem já viu o filme "Todos os homens do presidente" percebeu a importância, nas investigações da imprensa sobre o caso Watergate, das revelações de um personagem real, mas até hoje anônimo, conhecido apenas pela alcunha de Deep Throat.

Para quem não viu, explico: todo o heróico esforço dos repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, do jornal Washington Post, para desvendar a trama de Watergate e desmascarar a corrupção no governo Nixon, teria sido inútil se não fossem as informações transmitidas a Woodward por Deep Throat. Quem era esse homem, o que fazia, como obtinha as informações, por que as passava ao repórter — nada disso se sabe. Continua a ser um segredo muito bem guardado por Woodward e protegido pela legislação norte-americana, que garante ao jornalista o direito de manter em sigilo a identidade de suas fontes de informação.



E Deep Throat era apenas isso: uma fonte de informação, alguém que se dispõe a revelar fatos a um jornalista, sob a garantia de que sua identidade não será revelada, nem seu nome publicado. Alguém que teme represálias, ou que simplesmente não deseja ver-se envolvido em qualquer questão.

A investigação de Watergate provou que a legislação é sábia: ao garantir esse direito ao sigilo, garante também a plenitude da liberdade de imprensa. Pois essa liberdade não pode ser exercida se as fontes de informação não forem livres para transmitir fatos, comentários e informações que consideram verdadeiros.

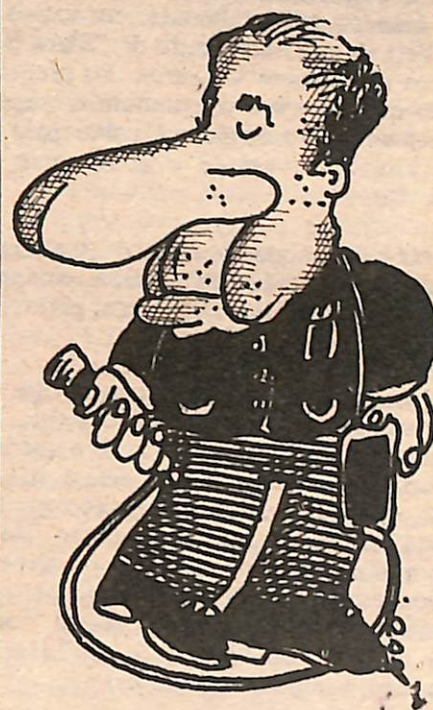


Se isso é importante mesmo num país livre como os Estados Unidos pode-se imaginar o que significa para a liberdade de imprensa num país de regime autoritário como o Brasil.

Aqui há muitos anos que os jornalistas enfrentam uma crescente dificuldade para encontrar pessoas dispostas a passar-lhes informações e assumirem publicamente a responsabilidade pela divulgação. Principalmente no campo político e administrativo, cada vez mais se espera que os jornalistas se contentem com a verdade dos comunicados, das notas oficiais, dos press-releases. E, de vez em quando, com uma ou outra conversa mais franca, mais livre, mas sempre off the record, isto é para não publicar.



Restou, felizmente, a alternativa de manter as fontes em sigilo. Uma saída que os jornalistas gostariam de poder utilizar apenas quando fosse inevitável, um último recurso e (exatamente como no caso Watergate), mas que têm sido forçados a usar diariamente.



Basta correr os olhos pelos jornais para verificar a proliferação desenfreada dos comentários, das altas fontes, dos setores bem informados dos observadores, etc.



Pois, quando escrevíamos este comentário, fontes governamentais asseguravam em Brasília que, entre as reformas políticas pretendidas pelo governo, estava na Lei de Imprensa. Entre os planos para "agilizar" a aplicação da lei, através de processos rápidos e penas mais severas, estaria um golpe mortal na liberdade de imprensa: o fim do direito de manter em sigilo as fontes de informação.



Com isso, o governo pretendia evitar o vazamento de informações que gostaria de manter em sigilo. Seria o caso por exemplo, dessa notícia sobre as mudanças na Lei de Imprensa, que assessores — não identificados — do próprio governo segredaram aos jornalistas. Isso certamente irritou muito o governo pois a notícia foi negada pouco depois pelo assessor da Imprensa da Presidência.



Nesse caso, deveriam os jornais deixar suas fontes de lado e publicar apenas a versão oficial dada pelo porta-voz da Presidência? Ou publicar as duas versões, deixando ao leitor a faculdade de confiar naquilo que julgar mais próximo da verdade?



Como leitor, prefiro a segunda hipótese. Pois ouvi durante muito tempo afirmativas oficiais de que as eleições de 78 seriam diretas, e agora ouço as mesmas vozes anunciarem que tudo mudou.

"O Deus em que acredito não é nenhum Deus que está sempre pronto a castigar suas criaturas ao menor deslize que elas cometerem. Meu Deus é o Deus da liberdade". (Percival de Souza, jornalista e escritor).

"Faço música de pretos. E os pretos precisam se convencer de que chegaram ao mundo dos brancos acidentalmente, em navios negreiros. Veja só esse movimento do "Black Rio". Os negros não passam de xerox dos pretos americanos que, por sua vez, imitam os brancos. Não percebem que o negócio é voltar para a África". (Tim Maia, cantor e compositor, revista Veja, 16/3)

"O crítico, quando bom, é um cicerone que conduz o espectador até a obra. Existem bons e maus cicerones". (Iberê Camargo, pintor)

"Antigamente, eu costumava brigar quando me criticavam. Mas só quando a coisa caía no terreno pessoal; porque eu acho o que interessa no artista é sua arte. Falem dele e dela, e nada mais, que vida privada quem não quer ter? Fui muito criticado, muito elogiado. Hoje, não ligo muito para isso. Aliás, com o alvoroço dos novos tempos na música brasileira, até que meu nome, "minha importância", foram badalados. Mas também não ligo muito não". (Jackson do Pandeiro, compositor e cantor)

"O poeta me dizia: "Eu queria ver você escrever uma peça com personagens como todo mundo. E mal sabia ele, e todo o mundo, que os personagens das minhas peças eram como todo mundo". (Nelson Rodrigues)

"Outro dia, um ministro afirmou que Cuba tinha tido uma boa participação nas Olimpíadas porque o Estado utilizava o atleta, o esporte, como meio de propaganda política, da mesma forma que nos demais países socialistas. E o Brasil, não fez isso? Por exemplo, o Havelange foi destituído da presidência da CBD. Isto não é segredo para ninguém, e foi nomeado o presidente da Arena. OS clubes do Campeonato Nacional são escolhidos por critérios políticos. Não é o melhor clube, o campeão de cada Estado que é escolhido. Há até o caso em que o campeão do Estado não disputou o Campeonato Nacional que agora se encerrou, está o clube que tem o interesse do prefeito, do governador". (João Máximo, editor de esportes do J ornal do Brasil, semanário "Opinião", 1/4)

"Eu sou introvertido demais e a popularidade me preocupa. Muita gente me pára na rua, me cumprimenta, me diz boas palavras, mas eu não tenho jeito para essas coisas de ídolo". (Sócrates, jogador do Botafogo de Ribeirão Preto, "O Estado de S. Paulo", 27/3)

"Se há uma certa diferença entre alma e corpo, a correta utilização do corpo para servir a Deus não é uma repressão. Até mesmo as pessoas que desfrutam o material aceitam uma certa disciplina". (Ambujaksha Dassa, guia espiritual dos seguidores do movimento Hare Krsna no Brasil, "Pasquim", 25 a 31/3)

"Como religiosos de São Vicente de Paula, nós, por tradição, vocação, ou por objetivo, trabalhamos nos bairros mais pobres, mais periféricos, dando atendimento à família operária nas diversas formas de pobreza e aos jovens. Então, a gente sofre com isso". (Padre Júlio, do Centro Comunitário de Vila Hortolândia)

Antuérpia é um mamífero de olhos brilhantes.

Efebo era um sabonete usado pelos jovens espartanos.

Quinhão foi um sábio que dividia tudo quanto possuía.

Lafite é um carvão chinês que os piratas usavam para escrever.

Cajado foi um general espanhol que silenciava seus inimigos a porretadas.

Standard foi o primeiro estrangeiro a desfilar numa escola de samba.

Corolas são velhas que vendem flores nas portas das igrejas.

Verdugo é um caldo de legumes que se serve aos prisioneiros.

Rapina é uma sacerdotiza que se aproveita dos crentes.

Turbina é um refrigerante servido a bordo dos aviões a jato.

Sarraceno foi o maior gozador dos tempos bíblicos.

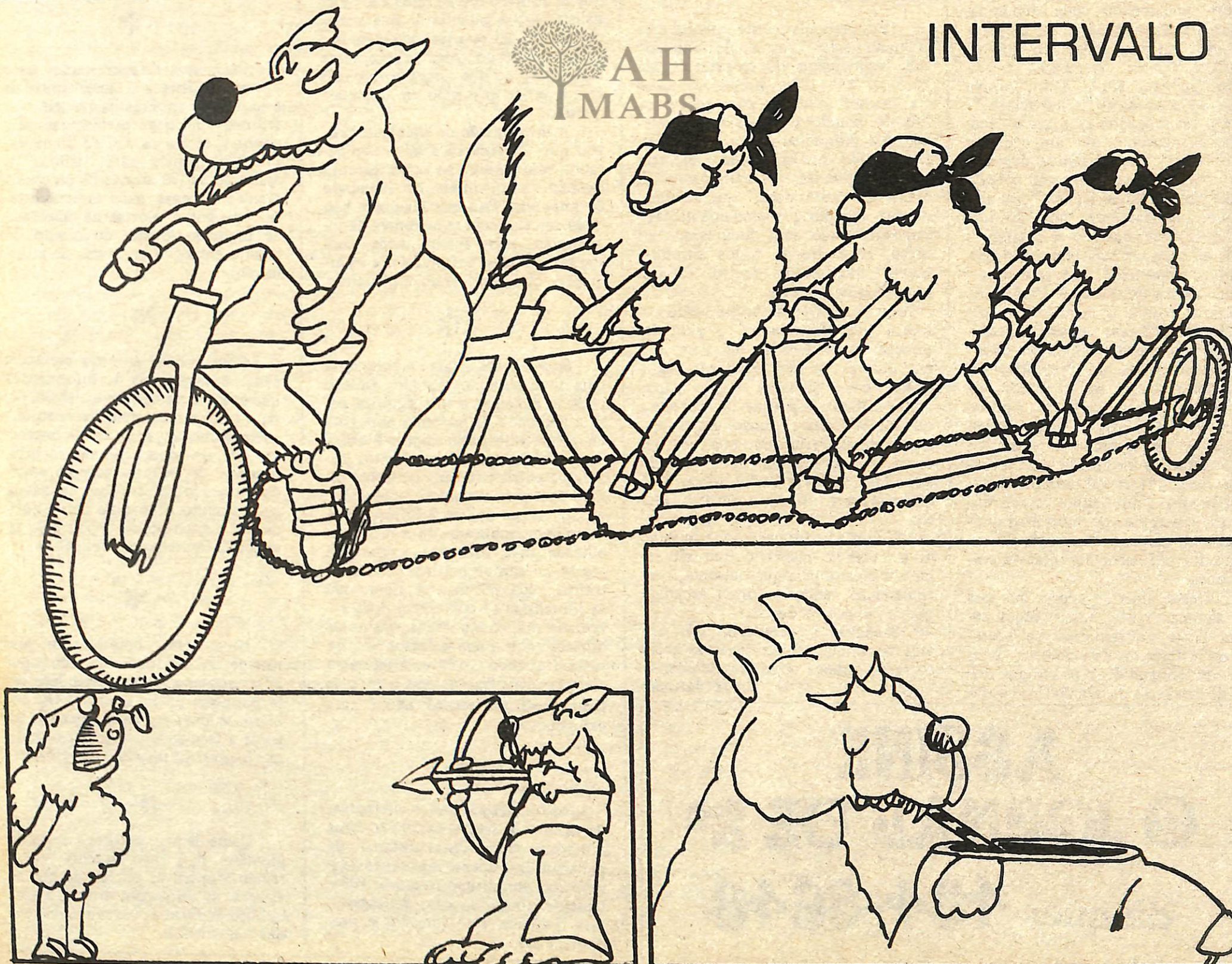
Arenga é um peixe sobre o qual pouco se conversa.

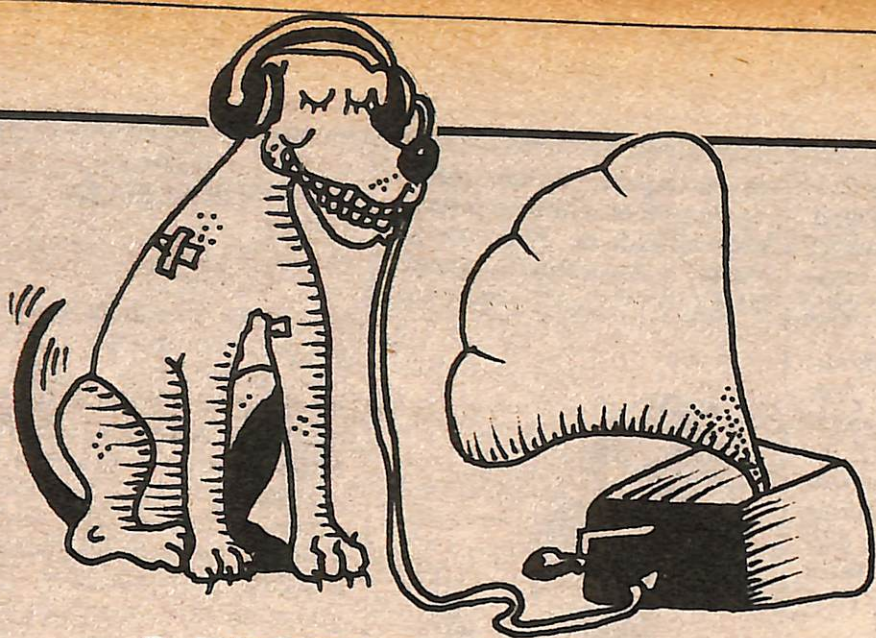
Cafuso foi um célebre cantor mestiço.

Chinfrim é um pequeno touro inofensivo.

Zarteu

INTERVALO





A VOZ DO DONO

Ouve-se dizer que há um conjunto de rock-jornal tocando uma música diferente nas páginas de um diário citadino, conhecido pelo seu apego à lei da procura da melhor oferta.

Chamar-se-ia, salvo engano, Los Muchachos del Cuerpo Editorial e seria composto por intrépidos rapazes que carregam o estigma das idéias anti-conformistas. Em seu coreto cedido em caráter precário pelo proprietário da praça, executam um concerto diário de peças amenas de seu repertório. Geralmente, preferem o moderato cantabile ou o andantino, porque, ao que se diz, o locador do coreto não é muito dado a estridências, e não lhe custaria, num rompante de ira, desalojar os músicos de seu palco, rasgar as partituras em mil pedaços e, com perdão da má palavra, desmanchar a orquestra a golpes de pontapé no traseiro.

Los Muchachos, ao que se sabe, lutaram bastante para conseguir esse pequeno território (que chamam, muito sugestivamente, de N.R., que deve ser algo assim como Não Repare), e para poder ocupá-lo sem maiores percalços, são obrigados, de vez em quando, a colocar uma surdina no pistão para não acordar os condôminos.

Muito justo, afinal o jogo de pressões e contra-pressões, a negociação, as concessões de parte a parte são a própria essência da plenitude democrática, é ou não é?

Em princípio, a intenção dos rapazes do conjunto era a de compor e executar peças musicais de inequívoco conteúdo vanguardístico, mesmo que isso lhes custasse a fama de rebeldes, e que suas notas viessem a ter um caráter exageradamente dissonante em relação ao conservadorismo circundante.

No começo houve mesmo uma certa estranheza. Pareceria que Berlioz estava invadindo uma retreta da Lira Musical e Poética de Santa Rosa do Viterbo.

Soube-se que o locador do coreto ameaçou mandar parar os ensaios porque o tom dos acordes estava algumas oitavas acima. Embora absolutamente jejuno na arte, o senhor locador, dotado de um senso prático invejável, notou que as notas mais graves esta-

vam ameaçando partir os cristais da sua prateleira.

Los Muchachos então, admoestados com alguma severidade, resolveram baixar o tom para não perder os instrumentos. Como diz o vulgo, cederam os anéis para não perder os dedos.

E ali continuaram, então, em seu coreto, retocando algumas notas, burilando as suas colcheias e semi-breves. Embora planejassem grandes concertos em fá maior, não conseguiam executar mais do que simples e vulgares canções. Não por culpa deles, é claro, pois ao que consta, trata-se de uma plêiade de músicos de indelével talento. Talvez mais por culpa do imponderável das circunstâncias.

Num destes dias, mais precisamente durante um concerto dominical, Los Muchachos del Cuerpo Editorial, muito provavelmente impelidos por uma justificável explosão de criatividade reprimida, resolveram executar o seu recital embaixo da humilde janela deste hebdomadário, de onde sabem que jamais partiria um balde de água fervendo sobre as suas cabeças, pois isso seria como ir numa caça à raposa e atirar no cachorro.

Executaram desafinadamente a sua milonga, e no libreto de sua ópera urdiram tramas tais que deixaram este jornal na abjeta condição de adultério: traindo as convicções que esposou, para amanecer com a atual administração municipal. Um sórdido conúbio com a situação, dizia o trágico libreto. Uma reviravolta de 180 graus, solou o violino do conjunto.

Pena que a operata soe bufa, já que os rapazes da orquestra demonstram tanto denodo em compor, tocar. O perigo é que a combinação das notas acabe dando aquela dissonância estridente que pode irritar o dono da casa.

Por isso, lamentavelmente, eles são obrigados a executar as suas obras em tom menor.

Mas talvez seja apenas um problema de falta de informação. Afinal, aquele cãozinho do gramofone da RCA também jamais imaginou que pudesse existir voz sem dono. Mas existe.

Sandro Vaia

PLANTÃO

Recentemente, comentei aqui sobre a incrível existência de uma arapuca de automóveis chamada Creauto. No estilo white collar crime, funcionou durante seis anos, publicando anúncios em jornais para prometer financiamentos de automóveis e caminhões.

Muita gente humilde enterrou suas economias nos três faraônicos escritórios da arapuca, que funcionava sob a supervisão jurídica do advogado Hélio Bialski.

A polícia fez muitos inquéritos. Exatamente 186. No Fórum, o escândalo da Creauto continuou: nada menos do que 36 processos desapareceram em circunstâncias ainda misteriosas quanto à autoria, mas claras em termos de corrupção.

Os inquéritos foram pacientemente reconstituídos. E, com base em um deles, a Justiça decretou a prisão preventiva do diretor-presidente da Creauto, Ermilson Ferreira Soares. Preso, Ermilson contou que pagava 90 mil cruzeiros por mês para Bialski. Por que tanto dinheiro?

"Por causa de suas amizades nos meios forenses", explicou Ermilson, em depoimento prestado perante o delegado William do Amaral, titular da Seccional Centro de Polícia.

O advogado Hélio Bialski tentou a soltura de seu patrão, ou melhor, de seu cliente Ermilson. Impetrou um pedido de habeas-corpus em favor do diretor da arapuca. Por unanimidade, o pedido foi denegado pela 5.ª Câmara do Tribunal de Alçada Criminal. Agora, espera-se que os demais escroques que compunham a arapuca, hoje fechada e lacrada, sejam punidos.

II

Um caso de Polícia que causou grandes apreensões na Capital foi o espancamento do corintiano Oswaldo Martins de Oliveira. Retirado do Morumbi durante o jogo Corinthians x Internacional, o corintiano foi espancado com golpes de cassetete, socos e pontapés. Mas não dentro do estádio, e sim a caminho do distrito policial mais próximo, onde seria autuado por desacato a resistência.

Soube do caso através do companheiro Flávio Adauto, que conversou com a irmã de Oswaldo, uma telefonista da TV-Globo. Feita a denúncia, as consequências foram imediatas: a cúpula da Polícia Militar abriu sindicância, para identificar e punir os agressores, e o secretário da Segurança Pública determinou uma rigorosa apuração dos fatos pela Corregedoria Geral da Polícia.

Hospitalizado durante uma semana, o corintiano espancado sofreu ruptura entre fêmur e rim - fato que o fez urinar com sangue durante dois dias. Quase ficou aleijado e impotente.

Trata-se de um caso profundamente lamentável. Não é mais possível que isso continue acontecendo. E, até onde chegam as descrições do que acontece nos estádios, esse é um fato considerado, lamentavelmente, quase "comum".

Não é possível que um jogo de futebol transforme um campo em praça de guerra. Afinal, esporte é esporte. Os instintos sádicos, acreditado, devem ser descarregados em divãs de psiquiatra. O caso do corintiano Oswaldo não ficará impune, e quem me assegurou isso foi o próprio coronel Erasmo Dias.

III

Durante um mês do ano de 1974 fiquei na Casa de Detenção, todos os dias, das 8 às 22 horas. O resultado desse estágio e mais as visitas que faço periodicamente ao presídio que possui a maior população carcerária do mundo permitiram obter o material necessário para escrever o livro "A Prisão".

Nessa época, além de repórter, fui carteiro, confessor, transmissor de recados, etc.,. Procurei pessoas, escritórios, vi situações processuais em escritórios e Varas Criminais. Pois foi bem durante esse estágio que chegou no bondão que despeja 20 a 30 homens por dias, um prisioneiro que eu conhecia.

Consegui um lugar para ele no pavilhão mais ameno, o de n.º 2. Obtive permissão para ele receber visitas fora de dias certos e horários. Consegui arranjar-lhe até uma máquina de escrever, para escrever cartas.

Fiz, enfim, inúmeros favores - que não vem ao caso aqui relatar, pois detesto alardear boas ações. Apenas procuro fazê-las.

Pois bem. Entre surpresa e perplexo, ao ver o último número do jornal Opinião, li uma crítica assinada por Rivaldo Chinen, acusando-me de ter esquecido de informar aos leitores que para escrever o livro eu contara com a "preciosa" colaboração de um "outro grande repórter" - ou seja, exatamente, preso a quem eu tanto ajudei.

O comentário, pueril e mentiroso, não pode passar sem réplica. Nada tenho contra os focas, mesmo porque vários deles passaram pelas minhas mãos e tenho até orgulho de haver contribuído para a descoberta de talentos. Mas, no caso de Rivaldo Chinen trata-se de uma foquice ou de uma barriga, como se diz em jornalismo, imperdoável. Afinal, para comprovar o que digo e provo em qualquer instância ou circunstância, não seria preciso, sequer, conversar comigo. Bastaria ir à Casa de Detenção e verificar, através dos diretores, dos funcionários e dos presos, como o preso de "preciosa colaboração" recebeu inúmeros favores e não fez nenhum. Não que eu os queira, mas para se estabelecer a verdade.

Rivaldo preferiu o caminho mais fácil: a calúnia. E só explico, aqui, esse fato, por uma única razão. Essa réplica deveria ser publicada apenas em "Opinião". Mas isso, como se sabe, já não será mais possível.

Então, penso que basta. De minha parte só volto a falar sobre o assunto na Justiça. E, sinceramente, espero que não seja por uma queixa-crime que eu apresente que o número de prisioneiros na Casa de Detenção aumente.

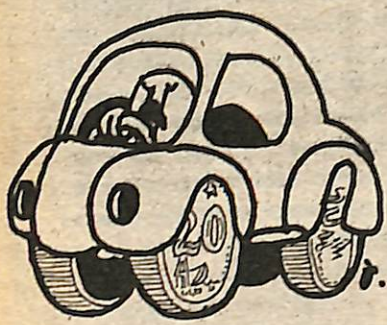
Percival de Souza

NOSSO TELEFONE

434.8648



ZONA FRANCA



AUTOMÓVEL: AMOR E DESAMOR.

"Eu continuarei a queimar os 4.000 litros de gasolina nos 40.000 Km que percorro anualmente, continuarei a pagar a TRU cada vez mais cara, continuarei a colaborar com as atividades de frentistas, mecânicos, borracheiros, proprietários de estacionamentos, autopeças, plantonistas de pedágios,

guardas-mirins e afins, darei muita mão-de-obra para toda essa camada de profissionais continuar sobrevivendo.

"Malham tanto o automóvel, o anti-herói, mas todos se valem dele para encher as burras da União, Estado, Município. Onde havia postos de pedágio, seus preços quase dobraram com a agravante da sobretaxa nos fins de semana.

"Novos postos de recolhimento de pedágio estão sendo construídos ao longo de diversas rodovias, novas sangrias para os bolsos dos usuários. Os alcaides de Diamema e Guarujá querem instalar postos de arrecadações municipais em suas cidades; ter carro hoje em dia é ter muitos sócios. Numa hora dessas os srs. prefeitos de Praia Grande e São Vicente devem estar bolando uma forma de cobrar pela travessia da ponte pênsil. Se a

ponte Rio-Niterói cobra Cr\$ 32,00 porque não cobrar umas míseras 5 pratas na ponte pênsil? Fica aí uma sugestão antipática e anti-econômica.

"A TRU foi aviltada astronômica para fazer face às despesas de conservação e melhorias. Afinal, os quase Cr\$15 bi que anualmente arrasta para os cofres da União são para essas despesas. Os extintos pedágios voltarão a funcionar e a TRU custará mais cara em 78.

"Diante de tantas provas de desamor eu dou meu grito de solidariedade e me confesso grato ao maior arrecadador industrial do País, o irresponsável responsável por centenas de milhares de empregos diretos e indiretos. Roberto Mariotti, vendedor de autopeças".

Caro amigo Mariotti, como você notou, racionalizamos sua carta por cau-

sa do espaço. Melhor ainda encontramos a mesma carta já racionalizada na Folha de S. Paulo, e tascamos a tesoura nela.



GLÓRIA, SEM ALELUIA

"Não é de hoje que torço pelo Paulista de Jundiaí, mas, alegria igual à que tive no último domingo, dia 10, quando esmagamos o Marília, é difícil. Aquela vitória lavou a alma da torcida, e agora só espero uma coisa: que nossos valentes meninos não deixem a glória subir à cabeça. Ninguém me tira da cabeça uma coisa: vitórias assim valem mais do que mil campanhas para atrair a torcida aos estádios, ou para atrair novos sócios. Eles devem pôr isso na cabeça, antes de enfrentar, seja o Palmeiras, seja o Marília, seja o Cuenca".

Guilherme Pappel

Diz isso pro diretor-tesoureiro, Pappel.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana - Térrea, sala em L, lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência para empregada. Cr\$... 1.300.000,00 Oferta Central de Imóveis

Anhangabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00 Oferta Central de Imóveis

Jardim Brasil - Nova, com 3 dormitórios, todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil aquecedor central, armários externos, etc. Oferta Ribeiro

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. Oferta Central de Imóveis

Centro - Fina residência, parte superior com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, sala para TV, 2 banheiros completos. Parte térrea, sala grande em L com lareira, hall, banheiro social, cozinha tipo Kitcher, com armário, sala de jantar, la-

vanderia, dependência para empregada, jardim, abrigo para 2 carros, quintal. Cr\$... 1.200.000,00. Oferta Ribeiro

Jardim Cica - Fina residência, estilo colonial, nova, com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, banheiro social sala com carpete, sala de jantar, cozinha com armários, lavabo, dependência para empregada, lavanderia, abrigo, jardim, quintal grande. Cr\$... 900.000,00 Oferta Ribeiro

Malota - Casa - Contendo 4 quartos, 1 suite, 3 banheiros, sal, c/ 83 m2. local p/ piscina, despensa, garagem para 8 autos, terraço em toda a volta, 2 apartamentos para empregada. Área de 5.000 m2. Ótima oportunidade, faltando somente o acabamento. Preço: Cr\$... 1.700.000,00 à prazo. Oferta Advocacia Predial

Estrada de Itu - Chácara - Com fina sede, com 2 aptos. armários embutidos, copa-cozinha, banheiro, garagem, sala, barracão, área p/ piscina, cercada, campo de futebol, grande pomar formado, luz e telefone. Preço excelente p/ venda urgente.

Oferta Advocacia Predial

Rua da Padroeira - Casa - Com 1 quarto, grande sala em "L", copa-cozinha, banheiro completo, abrigo para auto. Preço: Cr\$ 300.000,00 com facilidades. Pode ser financiada. Oferta Advocacia Predial

Jardim Cica - Casa - Na parte alta do bairro, com 2 quartos, sala, copa-cozinha,

banheiro, entrada para vários autos, lindo jardim, etc. Preço: Cr\$ 450.000,00. Pode ser financiada.

Oferta Advocacia Predial

Parque do Colégio - Casa - Com 3 quartos, sendo 1 tipo apto. todos com armários embutidos, grande sala em "L", copa-cozinha toda azulejada, salão de festas, garagem p/ 3 autos, fachada toda de pedra, fino acabamento. Preço até o fim deste mês Cr\$ 1.200.000,00; aceita terreno de menor valor como parte do pagamento. Oferta Advocacia Predial

SÍTIOS E CHÁCARAS

Figueira Branca - Ocasão - 6 alqueires e 500m2 - Água corrente, 4 nascentes, pomar de frutas diversas, mata, boa topografia, ótimo para formar clube de campo. Próximo a nova estrada que liga Campo Limpo e via D. Pedro. Preço: Cr\$ 1.000.000,00. Oferta Ribeiro

Bairro Bonfim - 8 1/2 alqueires só terra, bosques naturais, córrego, boa topografia, vista maravilhosa, junto a Serra do Japi. Ocasão. Preço: Cr\$... 100,00 por alqueire. Oferta Ribeiro.

Estrada de Itupeva - com 64.000 m2, casa grande, luz,

poço com bomba, plano, 6.000 pés de uva, pomar, córrego, barracão, ótimo para clube de campo. Preço: Cr\$ 1.200.000,00. Oferta Ribeiro.

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivendo estilo "clássico", 3 dormitórios, 1 suite vestibulo, duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete,

dependência para empregada. Cr\$ 1.800.000,00 Oferta Central de Imóveis.

Nova Era - Chácara maravilhosa, 2,5 alqueires excelente vivenda, sala ambiente, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro. 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) Oferta Central de Imóveis

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

ITUPEVA

R. Moreira César, 139 - Fone: 434-9317

**RIBEIRO
IMÓVEIS**

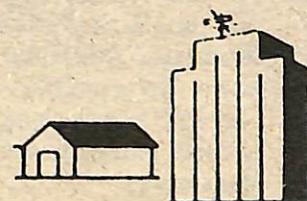
administração
e venda

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL
ALUGA - VENDE - AVALIA.
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS.
ASSISTÊNCIA JURÍDICA.

R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.

"Poema Sujo": a poesia nacional no talento de Ferreira Gullar.

Sobre "Poema Sujo", Antônio Callado escreve:

"No exílio, o poeta Gullar começou a escrever uma canção e acabou re-construindo, pedra a pedra, cheiro a cheiro, sua cidade de São Luís. Num quarto de Buenos Aires reergueu, feito um operário de repente de um poder milagroso, a cidade inteira. O homem está na cidade / como uma coisa está em outra / e a cidade está no homem / que está em outra cidade. Disse o poeta Elliot que uma grande e nova obra de arte que se cria afeta, imediatamente, todas as obras de arte que a procederam: obriga uma literatura a se reorganizar ao seu redor. Este "Poema sujo" vai durante algum tempo revolver, como um Sismo, a poesia brasileira, até que ela se recomponha numa serenidade nova e mais rica."

De fato, nesta obra Ferreira Gullar se apresenta identificado com sua terra, intrínseco à história de seu povo.

Mas sobretudo meu
corpo
nordestino
mais que isso
maranhense

mais que isso
sanluisense

mais que isso
ferreirense
newtoniense
alziense

meu corpo nascido numa porta-e-janela da rua dos Prazeres
ao lado de uma padaria
sob o signo de Virgo
sob as balas do 24º BC
na revolução de 30

e que desde então segue pulsando como um relógio
num tic tac que não se ouve
(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)
tic tac tic tac

enquanto vou entre automóveis e ônibus
entre vitrinas de roupas
nas livrarias
nos bares
tic tac tic tac

pulsando há 45 anos
esse coração oculto
pulsando no meio da noite, da neve, da chuva

debaixo da capa, do paletó, da camisa
debaixo da pele, da carne,

combatente clandestino aliado da classe operária
meu coração de menino

Ferreira Gullar fala de sua cidade com o vigor e a intimidade de quem está nas suas entranhas, vivendo a sua história e a ela vinculando independentemente de fronteiras geográficas, ou dos limites epidérmicos de sua pessoa...

se penso na cidade se desdobrando em seus
telhados e torres de igrejas

sob um sol duro
as famílias debaixo das telhas, retratos de mortos
com o rosto exageradamente colorido
dentro de molduras pintadas de dourado,

cômodas
antigas, pequenas caixas com botões e novelos de linha,
parentes tuberculosos em quartos escuros, tossindo
baixo para que o vizinho não ouça, crianças

que mal começam a andar
agarrando-se às pernas de pais que nada podem,
debaixo daqueles telhados encardidos
de nossa pequena cidade

a qual
alguém que venha de avião dos EUA
poderá ver
postada na desembocadura suja de dois rios
lá embaixo
e como se para sempre. Mas
e o quintal da Rua das Cajazeiras? O tanque
do Caga-Osso? a Fonte do Bispo? a quitanda
de Newton Ferreira?

Nada disso verá
de tão alto
aquele hipotético passageiro da Braniff.

costurando cenas e figuras familiares a uma história maior, ao universo infinito de sistemas vivos que têm, cada um, uma velocidade própria de vida e morte.

Debruçado no balcão
Newton Ferreira lê
seu conto policial.
Nada sabe das conspirações
meteorológicas que se tramam
em altas esferas azuis acima do Atlântico.
Na quitanda
o tempo não flui
antes se amontoa
em barrás de sabão Martins
mantas de carne-seca
tucinho mercadorias
todas com seus preços e
cheiros
ajustados ao varejo
(o olho sujo
do querosene
espiava na lata debaixo do balcão)
Mas nada disso se percebe
voando sobre a cidade a 900 quilômetros por hora.

Ferreira Gullar transforma São Luís do Maranhão numa cidade sem fronteiras, onde a história se faz a partir dos exílios tantos e tão variados do povo brasileiro:

essa é a razão
porque em São Luís
donde as pessoas não se foram
ainda neste momento a cidade se move
em seus muitos sistemas
e velocidades
pois quando um pote se quebra
outro pote se faz
outra cama se faz
outra jarra se faz
outro homem
se faz
para que não se extinga
o fogo
na cozinha da casa

"Poema sujo" mereceria ser chamado "Poema Nacional", porque encarna todas as experiências, vitórias, derrotas e esperanças da vida do homem brasileiro. É o Brasil mesmo, em versos "sujos" e, portanto, sinceros". - Otto Maria Carpeaux.

**BARÃO,
876
FUNDOS**

O vereador Ariovaldo Alves, em informal conversa com o assessor de Relações Públicas da Prefeitura, Pedro Fávoro Júnior, queria providências com relação a alguns problemas da cidade. Um deles, com relação aos terrenos baldios, que proliferam em quase todos os bairros. No final da história

e com as devidas explicações do vereador pelo fato de não se limitar a fazer indicações que nada resolvem, a informação: a Secretaria dos Serviços Públicos só vai poder tratar do assunto daqui a uns dois meses. Enquanto isso, salve-se quem puder, que os matos continuarão a crescer.

Ao que parece, o relatório do inquérito sobre desvios de materiais só poderá ser divulgado na próxima semana. O prefeito, que está analisando o processo disse, semana passada, que o inquérito será devidamente instruído para as providências legais. Segundo se comenta atrás das portas do gabinete, o ex-prefeito estaria trançando

seus pauzinhos para ver se escapa dessa.

Informação quase segura: cuidem-se proprietários de terrenos sem muros: a Prefeitura está estudando as medidas possíveis para fazer aplicar a lei que proíbe isso.

(C.K.I.)



A VIAGEM, EM BUSCA DE GOLS.

Foi um empate, com ligeiro sabor de vitória. Mas, isso foi pouco para a esperançosa torcida do Paulista que lotou cinco ônibus (e mais uma considerável quantidade de carros) para ver o time jogar em Sorocaba quarta-feira passada, contra o São Bento. Era a primeira partida depois da grata surpresa da vitória por 4 a 0 sobre o Marília.

Esse time devastador responsável por 20 minutos de bom futebol contra o Marília, foi a causa da rapidez com que foram vendidas as passagens de ônibus para Sorocaba. Afinal, para gargantas que foram estrangidas por tantos anos de futebol infeliz do Paulista, diretorias incompetentes e plantéis idem, era uma excelente oportunidade para gritar gol.

Os líderes das duas torcidas organizadas, Angelo Tiene — popularmente Garibaldi —, da Gamor e Maria Malvina de Godói, da Tomi, coordenaram a lotação dos ônibus (quatro para a primeira e um para a outra). Só que, como sempre acontece nessas ocasiões, no momento da partida eram muitos os interessados que não tinham conseguido passagem em tempo hábil.

O responsável pela empresa de ônibus, a S. João Turismo, não estava disposto a deixar os coletivos seguirem viagem com passageiros a mais. Mas como impedir? No final, os torcedores sem passagem conseguiram dar um jeito: ou com carona de carro ou indo de ônibus mesmo, com a condescendência do responsável da empresa.

Municiados com as bandeiras, os instrumentos para a batucada, 15 caixas de fogos, papel picado e um saco de farinha de trigo de 50 quilos, os esperançosos torcedores seguiram viagem. A saída da cidade foi acompanhada pelo espocar de alguns rojões, a agitação de bandeiras fora dos ônibus e os gritos da torcida.

Assim que baixou a poeira do movimento inicial, começaram as especulações dos entendidos de futebol, com opiniões mais próximas de adivinhações e vontade de vencer do que emergentes de análises mais profundas. Mas, desde quando o torcedor popular se preocupa com esses detalhes? Ele afirma sua opinião e briga por ela, por mais carente de bases que seja seu argumento.

Nesse clima de "quer apostar que", os ônibus entraram em Itu. A plácida e histórica cidade foi sacudida pelo barulho dos rojões e os frequentadores de bares tiveram oportunidade de presenciar a riqueza do vocabulário da torcida. Apesar de proferir com grande fluência essas amenidades impubescíveis, a intenção não passou de um mero desejo de mexer com as pessoas.

Essas mesmas amenidades foram usadas contra os tão incautos sorocabanos, que esperaram a torcida do Paulista na expectativa de ter de se defrontar com um pessoal violento. Pelo menos era esse o espírito que tomou conta da cidade nos dias que antecederam à partida.

A entrada do time em campo foi saudada por uma apoteótica manifestação da torcida, que não usou de parcimônia para soltar os fogos (que sempre passam pela revista dos policiais), agitar bandeiras, farinha de trigo e papel picado. Enquanto isso, os sorocabanos, apesar de em superioridade numérica, foram muito mais tímidos.

Os jundiaenses, ainda habituados a penosos anos de desgostos por causa do Paulista, ficaram na expectativa, até que o juiz começou a marcar uma grande quantidade de faltas contra o Paulista. Se justas ou não, isso é um detalhe que a grande parte das torcidas normalmente ignora.

O pênalti contra o galo, que sempre esteve com a crista em pé, foi recebido com revolta. Mas não o suficiente para causar qualquer tumulto maior nas arquibancadas, muito propriamente chamadas de "galinheiro", por serem pequenas e bastante desconfortáveis. É claro que o policiamento colocado entre as torcidas também ajudou.



Pouco depois do juiz apitar o fim do primeiro tempo, os jundiaenses puderam fazer o que os tinha levado até lá: gritar o gol. E provocar a torcida adversária com uma ruidosa comemoração.

No segundo tempo, pouco adiantaram os gritos de incentivo ao Lula, o intempestivo lateral direita do Paulista, ou Souza, que teve apenas uma pálida participação, merecendo até alguns xingamentos. Antes da partida terminar, os policiais, prudentemente, encaminharam a torcida jundiaense para o portão lateral, evitando que se encontrasse com os sorocabanos.

Na volta, o espírito era de conformismo, já que o Paulista em suas últimas partidas, perdia fora de seu campo. Entre um bocejo e um retardatário grito ao time, os ônibus chegaram a Jundiaí. A preocupação do Garibaldi, o líder da Gamor, era com relação ao jogo em Araraquara e as providências que deveriam ser tomadas. Em nome da esperança.

Angelo Tiene, o Garibaldi, está confiante no Paulista. E não pretende desistir das viagens em busca de mais gols.

UM HERÓI CHAMADO TIRADENTES

Tiradentes sobrevive.

Em 20 de abril de 1792, era sentenciado "pelo horrroso crime de rebelião e alta traição, de que se constituiu chefe e cabeça na capitania de Minas Gerais, com a mais escandalosa temeridade contra a real soberania e suprema autoridade da mesma Senhora, que Deus guarde". Em 21 de abril era morto na forca.

O que faz com que, 185 anos depois de ser considerado autor de um "horroroso crime", o alferes da cavalaria de Minas Gerais seja festejado como o maior dos heróis nacionais?

A Inconfidência Mineira, a quem os historiadores e pesquisadores atribuem depois de muitas revisões, uma profunda inconsistência ideológica, foi o fruto de um sopro libertário insuflado pelas idéias que varriam a Europa e pelos ideais implantados pela revolução norte-americanas.

Os Inconfidentes não tinham apenas idéias, que os historiadores chamam de "vagas e abstratas", e que se não se assentavam sobre nenhuma plataforma ideológica sólida.

A violência com que foram reprimidos pela Coroa, mais do que representar uma reação proporcional ao perigo que a sua ação pudesse trazer à estabilidade e à ordem implantadas severamente pela Coroa, fundamentou-se na necessidade política de castigar exemplarmente os que eram subversivos. Tentativa inútil de deter um processo histórico inevitável, e do qual o episódio dos Inconfidentes foi apenas uma etapa, e um sintoma evidente de uma inquietação libertária que sacudia a Colônia.

Lição histórica clara demais de que as inquietações de um povo, que irrompem em episódicas rebeldias, nunca se esgotam em ações repressivas. Sobrevivem a elas, sobrepõe-se a elas sobrepujam-nas e triunfam, porque fundamentadas na aspiração suprema do homem: a sua liberdade.

O lema dos Inconfidentes, extraído dos versos de Virgílio — **Liberdade, Ainda Que Tardia** — está inscrito na bandeira de Minas Gerais, e não é apenas um símbolo ou uma homenagem. É ainda a mais viva das esperanças.

Não existirá maneira melhor de homenagear Tiradentes do que lembrar que sua morte é também o motivo de sua sobrevivência: a História acolhe os que lutam pela liberdade. Quem jamais lembrará do nome de seus carrascos?

A SENTENÇA

(...) "Portanto, condenam o réu José Joaquim José da Silva Xavier, alferes que foi da tropa paga da capitania de Minas, a que, com braço e pregão, seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar da forca e nela morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada a Vila Rica, aonde em lugar mais público dela seja pregada em um poste até que o tempo a consuma. e o seu corpo será dividido em quatro quartos, e pregados em postes pelo caminho de Minas, no sítio de Varginha e de Cebolas, aonde o réu teve suas infames práticas e os mais nos sítios de maiores povoações, até que o tempo também as consuma; declaram o réu infame. e seus filhos e netos, tendo-os, e os seus bens aplicam para o fisco e câmara real; a casa em que vivia em Vila Rica será arrasada e salgada, para que nunca mais no chão se edifique, e não sendo própria será avaliada e paga ao seu dono pelos bens confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memórias a infâmia desse abominável réu".



A DOCTRINA DE CRISTO EM ITUPEVA. AO VIVO.

A pequena e pacata Itupeva viveu, na Sexta-feira Santa, um dos dias mais movimentados que seus moradores já registraram. Durante mais de duas horas, no final da tarde, a avenida Brasil, principalmente da cidade, serviu de palco para a encenação da Paixão de Cristo, que reuniu mais de quinhentos figurantes.

O grande responsável e mentor desse trabalho que durante 15 dias movimentou parte da população urbana de Itupeva (cerca de três mil) foi o padre Antônio Spoladori. Ele substituiu o padre Moutinho, antigo vigário, há dois meses e em tão pouco tempo conseguiu retirar seus paroquianos do marasmo em que estavam há dez anos, período em que o padre Moutinho esteve à frente da paróquia.

Quando o padre Antônio foi transferido, sentiu-se como "um órfão" numa cidade estranha. Mas, conforme falou, de início recebeu a orientação do seu antecessor para que fizesse reviver a festa do padroeiro, São Sebastião. Padre Moutinho disse que essa seria uma grande chance, já que realizara apenas duas em dez anos, porque a promoção não fazia "parte do meu estilo".

A festa do padroeiro foi realizada e, aparentemente, padre Antônio conseguiu capitalizar a simpatia de seus paroquianos. Não tanto pela juventude de seus 26 anos, exatamente o oposto da alva cabeleira do padre Moutinho, mas sobretudo pela diferença de estilo.

O novo vigário, no entanto, justifica a posição de seu antecessor:

— O padre Moutinho era sacramental, de antes do Concílio de 64, quando houve a reforma da Igreja. Depois de Concílio, o leigo foi colocado em seu devido lugar, isto é, numa posição atuante. Não como antes, quando se limitava apenas a receber os serviços do padre. Agora o leigo tem que participar.

E essa nova escola, padre Antônio teve durante os cinco anos em que estudou no seminário de Pirapora, de onde saiu para voltar a sua cidade natal, Salto. Nessa cidade, ele aplicou o que praticou como seminarista: teatro.

Com um grupo de jovens da comunidade de sua paróquia, encenou, no ano passado, "A Missa de Cada Um", uma peça religiosa transpondo Cristo para a atualidade. A partir daí, padre Antônio começou a pensar na representação da Paixão de Cristo.

Sua transferência para Itupeva ocorreu antes de realizar esse plano. Mas, de posse de seu novo cargo, acabou decidindo pela sua montagem na nova cidade. Isso, no entanto, esbarrava em alguns problemas. Um deles era achar os atores. Como ele mesmo disse, estava órfão em Itupeva e só lhe restou chamar o grupo de cerca de 60 jovens de sua antiga comunidade.

Para o guarda-roupa, várias senhoras de Itupeva foram convidadas a colaborar na confecção. Os capacetes dos soldados romanos foram conseguidos na Polícia Militar, que cedeu 50 capacetes dos "Dragões da Independência" e outros de bombeiro. Para completar, foram comprados capacetes da Atma. Todas as despesas, no final, ficaram por volta de 60 mil cruzeiros.

O grupo de Salto ensaiou algumas poucas vezes os papéis principais, enquanto os preparativos eram ultimados em Itupeva. Ensaio geral houve apenas um, durante uma madrugada. Os atores voltaram a se encontrar somente no dia da apresentação.

Marcado para às 16 horas, o início da representação atrasou cerca de 20 minutos. Enquanto o público que estava na frente da igreja de São Sebastião assistia a passagem dos 40 soldados a cavalo, que estavam indo tomar seu lugar no decorrer do trajeto, do outro lado da igreja entrava um Cristo montado num burro. Era a cena de domingo de Ramos, quando ele foi recebido festivamente em Jerusalém.

Para as cenas de maior destaque, foram montados cinco palanques. No primeiro, o padre Antônio, como Caifaz, acusava

Cristo de ser um farsante. Depois disso, começou a caminhada de mais um quilômetro até a igreja de Santo Antônio, onde ocorreu a crucificação.

No caminho, aconteceram todos os fatos relatados no Evangelho. O Cristo - João Batista Dário de 19 anos e apelidado Cuco - foi algo claudicante em suas falas, o que não chegou a interferir demais em sua atuação. Nos palanques, a Última Ceia, a prisão no monte das Oliveiras e o julgamento por Pôncio Pilatos.

Nessas alturas, o público já estava completamente misturado ao figurantes e houve um fenômeno que apesar de ser esperado pelo padre Antônio, foi uma grata surpresa. Por causa de não haver nenhum limite entre público e atores, a assistência acabou participando do desenrolar da representação.

O grupo de Salto foi instruído para que discutisse ativamente a respeito de Cristo. Uns falando contra, outros a favor. Uma das moças que estava pedindo a crucificação, teve de se afastar rapidamente de uma irada senhora que quase a agride. Outra, que chorava pela sorte do filho de Deus, quase foi socorrida por uma assistente.

Enquanto isso, um bem interpretado Pilatos, pelo professor Edmur Salle, de Salto, lavava as mãos. Os gestos espontâneos não denunciaram que ele foi improvisado no papel, já que o titular não pôde comparecer. E até improvisou ao mandar o povo de Jerusalém "ao diabo". Aí, começou a chover.

Condenado, o Cristo, imberbe e representado por Cuco, também um operário, só que ajustador mecânico e não marceneiro, carregou a cruz. O caminho ficou livre graças aos soldados romanos, que ordenavam ao público e aos demais figurantes para que se afastassem.

Antes da subida ao Calvário instalado defronte à igreja de Santo Antônio, Cristo foi devidamente preso à cruz e assim carregado até o palanque, onde o aguardavam os dois ladrões. Logo que chegou, a cruz foi colocada em pé. Poucos minutos depois, os dois ladrões o estavam ladeando. Nem a queda desastrada de um dos soldados, que escorregou num dos degraus da escada, quebrou a solenidade do momento da chegada de Maria.

Logo que dois relâmpagos se cruzaram no céu, o Cristo tombou a cabeça, para instantes após repousar no colo de Maria. Nesse instante, em que se notava a comoção de toda a platéia, o padre Antônio avisava pelo alto-falante que a representação continuaria com a procissão de volta à Igreja de São Sebastião. E inteligentemente, juntou cerca de cinco minutos de doutrina católica ao público.

O caminho de volta, percorrido com o Cristo deitado sobre uma espécie de maca de madeira, teve a companhia de uma chuva leve, porém constante. Poucos antes de cortejo fúnebre chegar à Igreja, defronte ao Restaurante Marachá, houve a surpresa de um Judas-boneco pendurado numa árvore.

Na porta da Igreja, o padre Antônio, desculpando-se pela rouquidão, parabenizou os atores (o polegar para cima, "foi jóia, pessoal!") e avisou da continuidade da representação na noite seguinte.

Na tarde de sábado, entre uma confissão e outra, a voz mal saindo, o vigário estava visivelmente satisfeito com os resultados da tarde anterior. Obviamente salientou que não era nada original, já que jesuíta José de Anchieta usou muito o teatro para catequizar seus índios. É o que ele chama de "a arte dramática com finalidade pastoral".

O que o jovem padre não poderia esperar era a intensidade do envolvimento do público, que participou muito de toda a encenação. E foi justamente uma população que praticamente nunca teve nenhum contato com teatro em nível profissional. Talvez por essa característica ele relute em achar que esse trabalho, que redundou em grande sucesso em Itupeva, pudesse ter o mesmo efeito numa cidade maior.



O padre Antônio organizou a encenação da Paixão de Cristo. Com sucesso.



Com uma assistência mais restrita, que coube dentro da pequena igreja de São Sebastião - de onde foram retirados todos os bancos - foi realizada a cerimônia da Vigília Pascal. Aí a representação teve seu ato final, na noite do sábado de Aleluia. Depois dos rituais de praxe da ocasião, os jovens atores de Salto entraram em ação novamente.

Um Cristo vestido de amarelo entrou, saudado por "aleluias" e no meio de figurantes que portavam bandeiras marcadas por uma cruz vermelha. Um casal entrou cantando para ele, enquanto repicava o sino e explodiam rojões.

O ex-prefeito Waldemar Chechinato foi categórico ao afirmar que nunca houve uma movimentação como daqueles dois dias em Itupeva. Ele pôs grandes esperanças no jo-

veim Padre Antônio Spoladori, que retirou a pequena cidade da rotina religiosa imposta pelo padre Moutinho. Aliás, do antigo vigário resta apenas a grande cadeira onde ele se sentava no meio do altar para o ofício religioso. Esse móvel se encontra num canto da entrada lateral, completamente inútil.

No domingo de Páscoa, o grupo de Salto, que ficou hospedado na casa paroquial, entre as refeições servidas em pratos de papelão e orações voltou a sua cidade. Para eles já existe uma nova missão: encenar a vida de Santa Beatriz, encomenda feita ao padre Antônio pela abadesa do Convento das Irmãs Concepcionistas, ordem fundada por essa santa. (Carlos Kazuo Inoue)

A democracia dos caciques

O caciquismo ou a antiga forma de se fazer política baseada nos moldes utilizados há muitos anos pelos velhos coronéis do Interior do Brasil, através de campanhas populistas, feitas em baixo nível e enganando o povo através de ardis ou pela ignorância, continua sendo a tônica de certos políticos que dominam regiões politicamente potenciais no Estado de S. Paulo.

Durante a última eleição municipalista ocorreu o que já é comum no Interior: o voto foi caçado por todos os meios lícitos e ilícitos, se bem, como diria um político de uma cidade do Interior, no segundo caso "os crimes são bem feitos e os ladrões estão à solta, porque roubam sem deixar impressões digitais". Na sua opinião, "sabe-se quem são, mas não se prova".

O caciquismo é um fenômeno muito conhecido dos brasileiros, principalmente daqueles que vivem a política regional. Através dele alguns políticos dividiram o Estado de S. Paulo como se fosse um bolo de confeitaria, ficando cada um com determinado setor onde passou a atuar com total liberdade, sem a intromissão ou o perigo de concorrência. Assim, as regiões da Araraquarense, Paulista, Noroeste, Sorocaba, Vales do Ribeira e do Paraíba e o centro de Estado foram entregues aos cuidados de alguns políticos, pertencentes a uma casta onde poucos conseguem sobreviver ou entrar.

O caciquismo não fica a dever quase nada ao antigo coronelismo, quando os senhores de propriedades rurais se diziam os donos da verdade e decidiam sobre o que os habitantes de seus feudos deveriam fazer, principalmente no campo da política. Com isso, os coronéis mantinham sempre nas prefeituras e nos cargos importantes gente de sua roda, que se incumbiam de manter afastados aqueles que colocassem em perigo a política monopolizadora do poder.

No Estado de S. Paulo existe uma hierarquia entre o grupo de caciques. Há os que permanecem em seus postos apenas controlando a situação e os que são peregrinadores e que poderiam ser comparados com profetas de uma causa. Estes percorrem o Interior do Estado, dentro de seus limites, levando ao povo mais simples as diretrizes que devem ser seguidas.

Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o caciquismo quer dizer "arbitrariedade própria de certos chefes políticos, pejorativamente qualificados de caciques; regime de predomínio de ca-

ciques". Ainda segundo o dicionário de Buarque de Holanda, cacique é o "chefe

político de uma região".

Para se manterem seus feudos, os caciques não se importam com as medidas ou tomadas de posição que devam assumir. O importante é não perder a sua região, mantê-la sempre sob proteção e guarda. Afinal, quem é dono de um feudo eleitoral tem muitas chances de conseguir se eleger para os mais variados cargos à baila, sendo que os mais perseguidos são as Secretarias Estaduais, autarquias ou uma cadeira na Assembleia. E nem sempre é um dos caciques quem consegue esse cargo: pode ser um elemento de confiança, saído de dentro do seu feudo político.

"O importante — diria um velho cacique — é que tudo esteja dentro de casa, entre irmãos".

Importante ainda é controlar o maior número possível de prefeituras, deputados e setores do governo, como forma de manter em agrado os membros da sua "família política", conseguindo empregos rendosos e colocação certa até mesmo para os filhos de amigos que fazem parte da claqué diária, sentada sempre na primeira fila, assistindo a todas as sensacionais jogadas e dribles aplicados pelo chefe contra seus adversários ou intrusos que queiram solapar a sua liderança.

A CAMPANHA

Acompanhando vários assessores, jornalistas e amigos diletos, o cacique sai a campo para enfrentar mais uma grande jornada política: as eleições municipais. Antes, preparou bem o terreno: conseguiu para si uma pomposa Secretaria Estadual, um perfeito trampolim eleitoral que lhe dará apoio logístico para atuar. Com a crise da gasolina, nada melhor do que viajar de graça pelo Estado todo, acompanhado de uma grande comitiva. Quando passa por uma cidadezinha, de mais ou menos vinte mil habitantes param para ver e ouvir as palavras do profeta, que mesmo sob sol ou chuva intensos, não deixa de levar sua palavra de conforto e resignação para o povo que, segundo ele, "com muita fibra e discernimento, enfrenta uma grave crise econômica oriunda de problemas externos, alheios à vontade do governo".

Os seus inimigos, que preferem tê-lo à frente do que às costas, ouvem atentamente as suas palavras e dizem ironicamente que "de-

graça, até eu me candidato a alguma coisa".

A peregrinação segue num ritmo cada vez mais frenético, ao ponto de em apenas quatro dias o cacique visitar de dez a quinze cidades. Todas precisam receber a mensagem que tem para dar. As reuniões com as lideranças políticas aí se sucedem a cada cidade visitada. Numa delas estão reunidos os representantes de muitas cidades vizinhas, que chegam a quase cento e cinquenta pessoas. Primeiro ouvem atentamente o que o cacique tem de novo para contar, ele que vem da Capital e que conhece a fundo os problemas que afligem o Estado e o País. A dissertação começa pela energética, passa pela crise de valores, pela infiltração comunista nos meios de divulgação e acaba num apelo patético para a união

em prol de um único objetivo: a vitória do partido que representa e do qual se diz um soldado sem descanso. Essa vitória é no, fundo, a demonstração de que o feudo continua sob controle e quem manda ali é ele, o cacique incontestado. Por isso, a vitória nas urnas por parte de seus apoiados é muito importante, pois uma simples demonstração de fraqueza ou o surgimento de grupos contestadores pode ser o início de um fim melancólico, ou seja, a perda de seu feudo eleitoral, de seus cargos e da confiança que lhe depositam os caciques maiores.

Particularmente, ele comenta com os seus assessores quais as técnicas a serem adotadas "para manter sempre a casa em ordem". Com tom filosófico, explica que com o povo tem que se adotar esquemas populares, para ser entendido. Não adianta ficar falando em coisas muito sérias ou que tenham profundo senso político e social, "pois o político que fala difícil acaba se tornando antipático perante o povo".

Então a saída é a invenção de pequenas e curtas estorinhas que colaboram para a compreensão pelo "Zé Povinho" de como este deve escolher o nome do seu candidato a vereador ou a prefeito.

"Para fazer sabão é preciso um tacho bem grande, muita água, uma boa barrigada (como a do homem gordo que ouve atentamente), um pouco de soda cáustica e uma coisa muito importante: tudo isso deve ser mexido lentamente, para um lado só. E a explicação vem logo, com a ajuda de algumas senhoras idosas que estão bem na frente do palanque: "se mexer pa-

ra um lado e para outro, o sabão empedra e todo trabalho está perdido, não é verdade?". A platéia se delicia e ri à vontade, como se estivesse num circo. Como pode um homem tão culto, "até parece doutor", saber de coisas tão simples, bem a jeito do povo? Com o riso geral o cacique já tem a certeza de que a quase chegada a hora de dar o apoio sério e irrestrito ao seu candidato a prefeito.

Mas falta o fim da estorinha: "sabe gente, política é igual fazer sabão, porque se os governos federal e estadual mexem de um lado e o prefeito mexe do outro, a coisa empedra e quem perde com isso é o povo. Por isso o voto deve ser do meu amigo aqui". E aponta para o candidato a prefeito que demonstra não caber em si de contentamento. Afinal, agora todo o povo sabe que ele é amigo do cacique.

Estorinha contada, povo contente e admirado e lá vai o discurso falando das qualidades do seu candidato, que sem dúvida será um sério concorrente à Prefeitura. Confidencialmente, o cacique explica que a única forma de se conseguir alguma coisa com o povo é assim, com simplicidade. Logo em seguida, terminada mais uma árdua jornada diária, vai repousar o sono dos justos na casa do candidato a prefeito ou de um amigo rico da cidade.

Com muito cuidado para não avançar em região que não lhe pertence, ele continua a sua pregação pelo Interior. Em certas localidades fica patente a sua liderança: "doutor, quem o senhor acha que fica melhor na Prefeitura?". Esta é a demonstração inequívoca de que ele já se encaminha para ser não peregrinador, mas um dos caciques que ficam na Capital, sentados à espera que lhe procurem à cata de sábios conselhos.

Numa cidade do Interior do Estado, durante reunião com vários políticos (prefeitos, candidatos a prefeito, vereadores e candidatos a vereadores), as dúvidas surgem e não conseguem ser dirimidas pelos nativos da região. Como fazer para compor entre tantas facções políticas apenas três sub-legendas onde somente seis nomes serão lançados aos cargos de prefeito e vice-prefeito? É a grande chance para o cacique peregrinador se impor, já que falta apenas menos de um mês para as eleições. Ele pensa, coça o queixo seguidamente, ouve com muita atenção os argumentos de todas as facções separadamente e depois designa os nomes que comporão cada legenda.

No dia das eleições, tudo parece caminhar como o desejado. À medida que as urnas vão sendo abertas e os votos contados, o cacique e seus assessores começam a mostrar um sorriso vencedor nos lábios. Não esperam surpresas, porque o povo foi devidamente preparado e não seria exatamente nestas eleições que a regra se quebraria.

Apesar de toda a certeza do profeta e de seus companheiros, a vitória não foi completa. Numa das cidades do feudo o partido adversário venceu e, o que é pior, por uma larga margem de votos. A sua imagem poderia ser maculada por isso? "Não", dizem os assessores porque só não vencemos em algumas cidades e isso não significa quase nada".

Praticamente carregado em triunfo pelos amigos, o cacique faz questão de deixar bem claro que "esta vitória foi conseguida graças ao trabalho de todos, eu escolhi e procurei ficar do lado dos mais viáveis".

RECEITA SIMPLES

As frases preparadas são fundamentais na criação de um líder popular. Citações de grandes autores, como Machado de Assis no seu famoso Memorial de Aires, é uma boa pedida: "devemos fazer o bem, simplesmente pelo bem que o bem nos faz". Porém esta frase moralista nem sempre é lembrada quando se trata dos inimigos, pois para todos estes dedica-se, no mínimo, o desprezo.

Para atingir uma posição expoente dentro de uma determinada região, o cacique tem que peregrinar durante muitos anos em incansáveis visitas e a atender a muitos pedidos, desde os mais simples como conseguir uma vaga na faculdade para o filho de um amigo até arrumar um emprego para o cabo eleitoral numa grande autarquia ou Secretaria Estadual. Esta sedimentação, ou operação lança âncoras, pode demorar muitos anos, mas assim que a posição de cacique é conseguida tudo é esquecido, pois as vantagens são altamente compensadoras. Além de ser um candidato potencial aos grandes cargos, pode oferecer muitas vantagens à família, como um belo carro preto oficial com motorista particular para a patroa, empregos bons para os parentes e amigos e ainda muitos privilégios para os filhos.

Afinal, qual seria a fórmula para acabar com o caciquismo, uma nódoa que permanece a manchar os ideais verdadeiramente democráticos? (Sérgio Henrique).



JORNAL DO DISCO

Simone está preparando seu novo LP, com músicas inéditas de Suely Costa, Caetano Veloso, Belchior e uma composição da dupla Chico — Buarque — Milton Nascimento. Deve sair em maio.

E só o filme "Esta Terra é Minha Terra" entrar em cartaz no Brasil e a Warner providenciará o lançamento de um álbum duplo ansiosamente esperado por aqueles que gostam da música "folk"

americana. "Esta Terra é Minha Terra", premiado com um Oscar de melhor fotografia, conta a vida do compositor e escritor Woodie Guthrie. O álbum tem músicas dos concertos que Bob Dylan, Joan Baez, Judy Collins, Odetta e Arlo Guthrie fizeram em homenagem a Woodie, em 1968 e 1970.

Do crítico José Ramos Tinhorão, do "Jornal do Brasil": "há determinados lançamentos em disco que, pela notoriedade dos artistas, que cantam ou assinam as músicas, quase obrigam os comentaristas ao pronuncia-

mento, tal o bruá que provocam. Realmente, como admitir — ao menos tomado por base as expectativas do chamado "público de classe A" — que alguém não encontre o que dizer sobre discos como "Geraes", de Milton Nascimento, ou "Coração" de Alaíde Costa? No entanto é exatamente essa sensação incômoda de não ter nada a comentar que assalta o responsável por esta coluna desde o fim do último ano, quando foram lançados, entre o espocar dos foguetes universitários e as girândolas da crítica mais bri-

lhante, estes dois exemplos de preferência de duas gerações de alta classe média brasileira: o de Alaíde Costa, símbolo das aspirações de bom gosto das camadas em ascensão na década de 70. A verdade é que, ouvindo um e outro e parando para pensar um pouco na realidade brasileira (100 milhões de habitantes, mais de 90 milhões de pobres) — fica realmente um pouco sem jeito gastar espaço de um veículo de comunicação tão amplo, como é o jornal, para escrever sobre produtos culturais de interesse tão restrito".

ARTE

Os Meninos Cantores de Viena, em Campinas.

Como primeira promoção internacional desta temporada, a Secretaria Municipal de Cultura apresentará um recital com o Coral artístico "OS MENINOS CANTORES DE VIENA", no próximo dia 26 de abril, às 21:00 horas no Ginásio de Esportes do Tênis Club de Campinas.

Para a apresentação dos Meninos Cantores de Viena serão cobrados: ingressos de Cr\$ 50,00 e Cr\$ 30,00.

Segundo o secretário de Cultura, Dr. Roberto de Magalhães Teixeira, a promoção visa a "dar um caráter todo especial ao início da temporada internacional de promoções artísticas e culturais", programada pela sua pasta este ano.

O coral d'os Meninos Cantores de Viena possui, enquanto instituição, nada menos que 479 anos de existência, tendo sido fundado pelo Imperador Maximiliano I em 1492.

O PROGRAMA

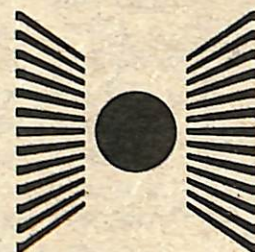
Jubilate Deo (Heinrich-1586/1672); O Sacro Convívio (Giovanni Croce-1557/1609); (a ser anunciado) Solo ou Duo; In Omen Terram (Michael Haydn - 1787/1806) Em Bon Lugar (Giovanni G. Gastoldi - 1556/1622); Passiemmos Alegrementem no Bote (Giovanni G. Gastoldi); Tresz Canções (Francis Poulenc - 1899/1963); Esti Dal (Zoltan Kodaly - 1822/1967); Tanonota (Zoltan Kodaly); SEGUNDA PARTE: Contradição (Franz Schubert - 1828); A segunda Canção de Ellam (Franz Schubert - versão Joahannes Brahms); A Aldeia (Franz Schubert); Terceto da "Flauta Mágica" (W.A. Mozart - 1756/1791); A B C (W.A. Mozart - versão Scott Johnsen); O Garoto Vigia (Robert Schumann-1810/1880); Vida de Cigano (Robert Schumann); TERCEIRA PARTE: Canções Folclóricas Austríacas - a) Canção do Cocheiro; b) Que lindo é; c) Lú, na montanha; Canções folclóricas Alemãs - a) O Caçador; b) Vamos, Moça de Suavia; c) Fósforos; Valsas e Polcas (A ser anunciado - Johann Strauss - 1825/1899).

Entre na corrente da segurança.



Faça seu dinheiro crescer sempre mais!
Com uma Caderneta de Poupança Habitacional APE você tem tranquilidade. É a certeza de correção monetária trimestral e dividendos - com absoluta segurança. Abra uma Caderneta de Poupança Habitacional APE. Lembre-se que dinheiro chama dinheiro. Veja o que a Habitacional APE fez pelos seus clientes em 1976:

COMPORTAMENTO DE UM DEPÓSITO DE Cr\$ 10.000,00 NO ANO DE 1976		
CADERNETA DE POUPANÇA HABITACIONAL A P E		
1/01/76-SD		10.000,00
1/04/76-CM	667,50	10.667,50
1/07/76-CM	927,01	11.594,51
1/07/76-DV	516,69	12.111,20
1/10/76-CM	1.075,60	13.186,80
1/01/77-CM	1.200,13	14.386,93
1/01/77-DV	632,45	15.019,38
RENDIA FINAL DO ANO - 50,19		



Caderneta de Poupança Habitacional APE

Campinas • São Paulo • Americana • Jundiaí



Uma reprise o melhor filme da semana

"Romeu e Julieta", uma das versões do famoso clássico de William Shakespeare, é o filme mais recomendável da semana cinematográfica em Jundiaí, uma semana em que, como sempre, não faltam as lamentáveis pornochanchadas. A melhor coisa de "Romeu e Julieta", sem dúvida, é sua beleza visual. Para os principais papéis, o diretor Franco Zeffirelli escalou Olivia Hussey, Leonard Whiting, Michael York e Milo O'Shea. Vai até o dia 20, no Marabá. Os outros filmes da semana: GATOR, O IMPLACÁVEL. Dirigido e estrelado por Burt Reynolds, fica em cartaz de 21 a 23, no Marabá. Gator é um contrabandista de bebidas com senso de humor e coragem. Na verdade, "Gator o Implacável" é uma se-

quência de "Sob o Signo da Vingança", filme que narra as aventuras de um homem que vive nos pântanos de Sul e faz o impossível para sair das situações mais perigosas que seu ofício clandestino lhe apresenta.

CINCO DIAS DE CONSPIRAÇÃO - A partir do dia 24, no Marabá. Raymond St. Ives, antigo jornalista, depois de tentativas fracassadas para escrever um romance, aceita um emprego de "pombo - correio" só para reaver importantes livros contábeis roubados do milionário Abner Procane. Com Charles Bronson.

Outros filmes - "Escalado para Morrer", com Clint Eastwood, de 21 a 23 no Ipiranga; "Um Golpe Sexy", de 18 a 20 no mesmo cinema; e "O Marido Virgem", a partir do dia 24, ainda no Ipiranga - podem ser trocados por um bom churrasco na Cantina do Romeu.



Burt Reynolds, em "Gator".

O amor de Romeu e Julieta no cinema

Na Exposição Universal de Paris, em 1900, havia uma surpresa: um primitivo sistema de cinema falado, o Phono-Cinéma-Théâtre, que exibia dois rolos de filme (no máximo, vinte minutos). Uma cena de duelo de "Hamlet", a estréia cinematográfica de Sarah Bernhardt, com as roupas bem justas, travestidas de jovem príncipe aos 56 anos de idade. E Cossira, num trecho de "Romeu e Julieta".

Desde que, em 1899, "Sir" Herbert Beerbon-Tree dirigiu e interpretou uma breve cena de "Rei John" para uma rudimentar câmara inglesa, as obras teatrais de Shakespeare já inspiraram quase duzentos filmes, com preferência absoluta por "Romeu e Julieta".

Naquela época, os filmes eram muito curtos e muito simples: o cinema ainda não possuía uma linguagem própria que lhe permitisse con-

tar histórias mais longas ou complexas, nem o público estava habituado ao novo gênero de espetáculo.

Quando o cinema firmou-se como grande indústria e como arte independente, os filmes shakespearianos foram ficando de execução cada vez mais difícil. Daí o pequeno número deles a partir de 1917. As dificuldades iniciais do cinema sonoro, que surgiu em 1928, também contribuíram para diminuir a quantidade. No entanto, o grande romance - continuou irresistível, seja nas paródias, ou nas modernizações.

Em 1920, Ernst Lubitsch fez uma adaptação na Alemanha, "Romeo und Julie in Schnee". Um ano depois, foi Will Rogers quem brincou em "Doubling for Romeo (Um Romeu à Força)", e em 1943 Cantinflas foi um Romeu de calças caídas.

No lado sério houve "Les Amants de Vérone" ("Os Amantes de Verona"), uma modernização do poeta Jacques Prévert, dirigida por André Cayatte, na qual os namorados têm problemas com o fascismo italiano (1949). Em "Romeo e Julie At Tma" (Romeu e Julieta nas Trevas), de Jiri Weiss, Julieta era uma judia na Checoslováquia ocupada pelos nazistas (1960). As famílias rivais dos Montecchios e Capulettos foram rebatizadas e deslocadas para o sul dos Estados Unidos em "Roseanna McCoy" (Ro-

seanna), um drama de Howard Hughes (1949), e depois se transformaram em bandos de marginais de Nova York em "West Side Story" (Amor Sublime Amor), um musical de Robert Wise (1961).

O texto original, porém, foi mantido em várias versões. Em 1936, Irving Thalberg produziu para sua esposa a famosa estrela Norma Shearer o "Romeu e Julieta" de Geoges Çukor. Norma tinha 32 anos e seu galã, Leslie Howard, 43 anos. Na versão colorida de "Romeu e Julieta", de Renato Castellani (1954), Laurence Harvey e Susan Shentall estavam na casa dos vinte anos. Com um elenco predominantemente inglês, o diretor italiano aproveitava cenários naturais em filme com toques de neo-realismo.

Dando início às suas atenções por Shakespeare, que resultaram também num "Hamlet" e num "Otelô", os russos filmaram em 1955 o balé "Romeu e Julieta", com Galina Ulaniva e música de Serguei Prokofiev. Uma nova versão italiana de Ricardo Fred, feita em 1964, com Geronimo Meyer e Rosemarie Dexter, ainda inédita no Brasil. Igualmente fiel ao texto, a não ser por algumas liberdades, a versão de Franco Zeffirelli que está sendo exibida em reprise no Marabá é a primeira a tratar a história como um poema de amor adolescente e como uma tragédia de eterna opressão.

A BUSCA DE UMA CULTURA CAPAZ DE SERVIR À VIDA

Coração de Vidro (herz aus Glass); de Werner Herzog - O mais recente filme de Herzog talvez não seja o mais bem sucedido mas é sem dúvida o mais intrigante. Se nos anteriores podia-se notar a presença de uma história - suporte clássico da narrativa - a loucura - aqui Herzog renuncia a transferir sobre um personagem e uma intriga seu pensamento a respeito de uma espécie que erra no espaço, solta em um tempo indeterminado.

A intriga é irrisória: em uma cidade, morre o contramestre da vidraria onde se fabrica o inimitável vidro Rubi. Com ele, desaparece o segredo desse precioso artesanato, razão de ser da cidade. Nas proximidades da cidade, em uma floresta, vive um pastor-vidente, que prediz o futuro e ali se instalou para contemplar "a debacle da ordem".

A perda do segredo significa previamente o final da ordem: toda vida perde sentido sem a vidraria. Portanto, a procura dessa fórmula vai envolver todos os habitantes, indiferentes à predição do pastor. O enredo do filme está longe de ser emocionante, praticamente não existe, todo seu interesse concentra-se na maneira como Herzog traba-

lha com estes poucos dados.

Sem tentar uma análise sistemática, vou procurar isolar alguns pontos que me parecem significativos em sua filmografia e que em "Coração de Vidro" se desenharam com nitidez.

A Visão: No cinema as coisas se dão a ver. A relação com os objetos se passa ao nível do olhar, o que significa que elas não são tocadas ou possuídas. Nesse sentido, a natureza é um objeto cinematográfico privilegiado, na medida em que também ela - ao manifestar-se em sua plenitude - não se dá senão ao olhar. Visível, como floresta ou como água, ela é impenetrável. O homem a contempla em plano geral, mas ao aproximar-se não se relaciona a não ser com fragmentos. O conjunto de uma floresta perde-se e o engole. As árvores que o homem pode tocar não se confundem com o conjunto, de que ele jamais participa.

A antureza: pode-se dizer em um certo sentido que a natureza assim contemplada opõe-se ao mundo da cultura, e que o imperfeito da cultura corresponde a um perfeito da natureza. Em outras palavras, o homem em Herzog é uma falha, e se ele deseja a perfeição e se vê diante de si

está sempre às voltas com uma tarefa infinitamente superior a suas forças.

A Jocrura: se nos filmes anteriores à loucura de algum modo se opunha uma normalidade (ainda que precária), a insanidade representava ainda uma espécie de estado puro, de revolta absoluta. O homem normal de algum modo submetia-se a uma organização, e aceitava a alienação, a divisão entre o cultural e o natural. Neste filme, mesmo essa diferença deixa de fazer sentido. Todos os atores (à exceção do pastor) representam sob hipnose. Nesta técnica de interpretação, a oposição entre loucura e sanidade é então substituída por uma completa ausência de vontade. O movimento dos seres já não serve para salvaguardar um sentido dado às coisas. Justamente o sentido é um objeto perdido, e não resta a este mundo senão desmoronar-se. Não interessa se um comportamento se afasta ou não do convencional, já que tudo se iguala, e todos se nivelam na impossibilidade de superar o problema que os destrói. Hipnotizados, os atores (e personagens) desconhecem qualquer vontade, seus gestos são desprovidos de força.

Se em "Sinais de Vida",

o sol grego bastava para aniquilar todas as motivações, pelo menos as motivações pareciam em princípio fazer parte de qualquer coisa a que se daria o nome de "natureza humana", aqui, os mesmos elementos se prestam a uma radicalização da idéia herzogiana de infelicidade. O sentido da vida é o vidro, ou seja, ele é completamente arbitrário: só existe para permitir ao homem a gregriedade, uma rede de interesses, preocupações e ocupações comuns. As pessoas se entendem a partir do vidro. O vidro rubi é a possibilidade de simbolização: um objeto sobre o qual se investem todos os significados. Ele se chama trabalho, casa, igreja ou sangue, riso ou rio. Herzog explora aqui essa transfiguração simbólica que foi um dos pontos fortes de outro magnífico cineasta alemão: Fritz Lang (sobretudo no "Testamento do Dr. Mabuse"). O que Lang ou Murnau fizeram a sua época, Herzog reinventa em uma linguagem atual e dentro dela permitindo-se toda espécie de audácias, inclusive a de construir todo o filme - talvez pela primeira vez - não em torno da loucura, mas no interior dela.

O final do filme é tam-

bé, surpreendente: depois de ver a vidraria consumida pelo fogo, o vidente retira-se para a "sua floresta - como ele chama onde começa a crescer uma de suas visões. Pela primeira vez, seu discurso é visualizado. Conta ele que nos confins do mundo existe uma ilha onde habita um homem sozinho. Esse homem acredita que o mundo termina onde termina sua visão e que além dela existe um abismo. O homem contempla o mar durante cinco anos. Após o que os outros poucos homens juntam-se a ele. concebem ao fim de algum tempo uma viagem para verificar se sua teoria é realmente certa. Mas infelizmente, sua embarcação é absurdamente pequena para o projeto a que se propõem.

Impossível não pensar em um "2001" alemão, de onde as idéias de tempo, espaço, homem e história saem completamente abaladas. Impossível não evocar aquilo que para Nietzsche foi preocupação de todo seu pensamento: a busca de uma cultura capaz de servir - enfim - à vida.

Inácio Araújo, de Paris, via Varig.



N&O

PAGANDO PRA VER

O "Jornal de Jundiá" de domingo atrasado (seção NR) meteu a ronca no vereador Ariovaldo Alves (injustamente) e em mim (depois a gente conversa).

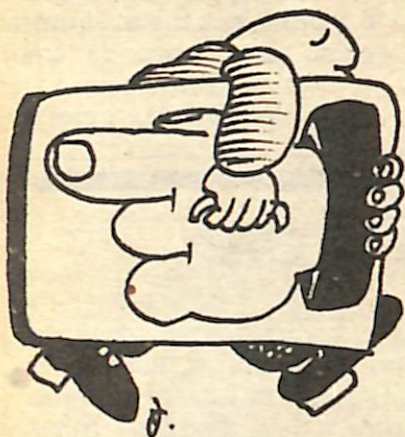
Referindo-se ao vereador, o jornalista o trata pelo apelido (Bececê isso, Bececê aquilo). Eu gostaria de ver o cara chamar, por exemplo, um coronel do Exército pelo apelido. Ah, eu gostaria! (E.M.)

NOVOS RUMOS

Numa singela homenagem prestada à imprensa, na edição de 5/4, o JC diz o seguinte:

"E, como no passado, o jornalista continua a ser o dedo indicador da sociedade a apontar as injustiças, os demandas, os novos rumos, conforme a expressão do maior poeta francês Victor Hugo, que também foi jornalista".

O que atrapalha um pouco, JC é que existem jornalistas preocupados só "em apontar os novos rumos... né? Tá o sistema viário que não me deixa mentir. AF



FUTEBOL OU PROVA PEDESTRE?

Manchete do Jornal da Cidade, edição de 10/4: "Velocidade do Paulista pode vencer vontade do Marília".

Não estive aqui no dia do jogo, mas parece que o Paulista venceu por causa dos gols. (A.F.)

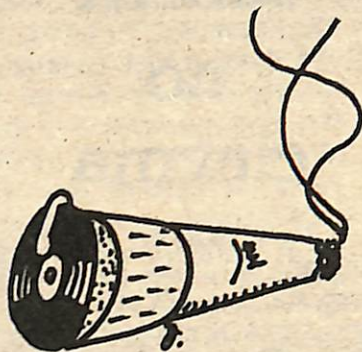


PIOR OU MELHOR

Na Sexta-Feira Santa, o JC deu esta manchete: "Hoje, o dia de sua morte". Confesso que gostei mais daquela que saiu alguns anos atrás, no mesmo JC: "Jesus Cristo, manso e humilde, encontra-se com seus amigos de Jundiá". (S.V.)

ERASMO SOUZA & ROBERTO CRUZ

Depois de ouvir várias vezes pedacinhos num comercial de tevê, ouvi, pela primeira vez inteira, a música assim chamada "Portão". De fato, é sabor bem Brasil. (E.M.)



BARBA E CABELO

Esta aconteceu domingo à tarde (10/4), na redação do Jornal da Tarde. Na mesa, a telefoto do jogo Nacional de Quito e Coríntians, com a legenda em espanhol, dizendo que o "subcampeón" brasileiro perdeu por "dos goles a uno". Comentário de um contínuo:

— Bando de incompetentes. Perdeu na bola e no copo. (AF)



CONHEÇA O BRASIL.



Existem muitos roteiros para você escolher. Venha nos visitar, ou consulte-nos. **TURISMO CHECHINATO Ltda.** Rua Baronesa do Japi, 260 Fones: 436-7004 e 434-0562

DA COXIA

Uma das críticas feita pela seção NR (JJ, 10.4.77) ao vereador Ariovaldo Alves é o fato dele ser meu "pupilo", indo toda hora receber "instruções" minhas, durante as sessões da Câmara.

Olha aqui, jornalista, se eu confiasse em todos vereadores como confio na seriedade e no desejo de acertar do Ariovaldo, eu daria "instruções" o tempo todo. Mais ou menos como a gente grita "Pega, ladrão" quando assiste ao furto de uma carteira na rua Barão, você entende? (E.M.)



E A BANDA DE LÁ?

Pedem os músicos que corporificam as bandas da cidade, que sejamos o seu portavoiz no intuito de lembrar o sr. prefeito municipal quanto a necessidade de uma maior assistência financeira às referidas entidades para que possam funcionar mais desafogadas no que respeita às suas aperturas por falta de dinheiro.

O sr. prefeito — dizem — pelo que se leu nos jornais, vai abrir crédito no valor de um milhão de cruzeiros para o desenvolvimento do esporte. Para as bandas, nada, ou quase nada.

Considerando-se que, como o esporte, a música executada pelas bandas também é uma recreação popular, constata-se, lamentavelmente, uma diferença de trato

Aí fica o lembrete. (E.V.)

HOMEM DE PARTIDO

Agora só falta o vereador José Rivelli fazer um requerimento ao ministro Simonsen repudiando o chuchu. (E.M.)



80 POR HORA

A fábrica francesa Renault deverá começar a fabricar seus carros no Brasil.

É o que se pode chamar de indústria automobilística solidária. (E.M.)

ATUALIDADE

"Reflexos do Baile" de Antônio Callado, é um livro que você precisa ler, a partir da "orelha" (de Antônio Houaiss). Vale a pena. Tem na livraria "Anhangüera". (E. M.)

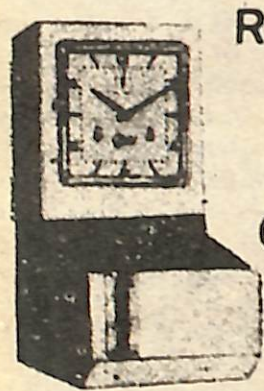
PROFESSORES

Trecho de conferência sobre educação feita pelo senador João Calmon, na Assembleia Legislativa do Pará:

"O problema da remuneração dos professores é de enorme gravidade. Não é preciso citar Estados, que são muitos — eu diria que estão próximos, muito próximos de nós — cujas professoras municipais, em muitas áreas, ainda estão recebendo um vencimento mensal que varia entre Cr\$ 40,00 e Cr\$ 80,00 por mês, não apenas no Norte, na Amazônia e no Nordeste, mas até mesmo no meu Estado natal, aparentemente mais desenvolvido do que os Estados desta área problema".

"No Brasil — continua Calmon — por incrível que possa parecer, um presidiário, condenado por assassinato ou roubo recebe, quando trabalha, e trabalha quase sempre, um salário mínimo de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 600,00: salário mínimo que é muito mais elevado, porque ele recebe do Estado, de graça, a casa, que é a cadeia; a roupa de presidiário; a alimentação gratuita e a roupa lavada, enquanto a professorinha municipal do interior recebe um salário inferior a Cr\$ 100,00".

Olha! Percival, um bom tema para a sua coluna. (Pela transcrição, AF)



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA LTDA

BARÃO-427 FONE-6-8231

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398,
434-6598 e 434-6798.



EM CÂMARA LENTA

13 de abril de 77

No carnaval de 1956 um grupo de foliões inscreveu-se no concurso de blocos do Clube Jundiaense com a denominação de "Câmara Municipal". A fantasia: palhaços. (Não, sr. Força Viva, não eram comunistas, não. Apenas, nesse tempo, a liberdade de crítica estava presente até mesmo nos festejos de Momo). A sessão do Legislativo Municipal do dia 13 de abril poderia, tranquilamente, ser chamada de "Velhos Carnavais".

O "abre-alas" foi, como sempre, a enxurrada de Indicações, cujas letras muito têm em comum com a música carnavalesca: sons repetidos, absolutamente sem sentido, emitidos apenas para alegrar o povo da galeria. Só que, em vez de alegres marchinhas, eram choros demagógicos. O tema central: pobre periferia. (Pobre mesmo, se depender de algum trabalho sério dessa Câmara).

O baile durou cinco horas (das oito até uma hora) e, se houvesse premiação, o primeiro lugar caberia ao grotesco vereador José "Obrigado, senhor" Rivelli (omais votado!), cujas atitudes que se chegam a desejar um recesso municipal, pelo menos recesso da leviandade e do desrespeito à função de vereador. Por várias vezes José "Obrigado, senhor" Rivelli usou da passarela para urrar seus pontos de vista a respeito do projeto de parcelamento dos impostos atrasados (aprovado), cuja matéria já havia sido discutida e votada. Naturalmente, o "nobre edil" não quis perder a garupa de um projeto demagógico para fazer sua habitual exibição de "amor aos menos favorecidos". Só que, desatento, perdeu a vez de falar no momento adequado. Mesmo assim não perdeu chance para ofender a dignidade da presidência, falando fora de hora e abusando da pacatez (já motivo de chacota) do presidente Lázaro de Almeida.

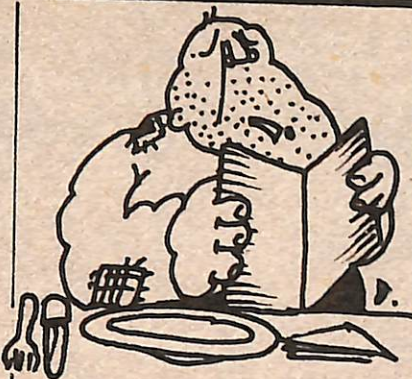
De seriedade, mesmo, apenas os pronunciamentos de três vereadores: André Benassi, condenando a galhofice de Rivelli, Ariovaldo Alves, apontando o caráter demagógico do projeto de parcelamento de impostos, e Tarcísio Germano de Lemos, lamentando a miopia de Rivelli na crítica à oposição e fazendo seu libelo contra o estado de coisas nas casas de lei do país, de maioria arenista, reflexo da situação geral a que foi convertido o Poder Legislativo pelos atos de exceção da presidência da República.

Erazé

DEU NA FOLHA

A sessão "Contraponto" (Folha de S. Paulo, dia 13.4) publicou: "(...) Ontem, a sensação no Congresso era a entrevista do deputado Francisco Studart do Rio, a "O Globo". De mão em mão xerocado corria um decálogo extraído das declarações do cearense-carioca, amigo do ministro Armando Falcão:

1- "O Governo tirou a máscara e assumiu a ditadura constitucional". 2- "Desapareceu qualquer sentimento de pudor e o governo transformou cada um de nós num radical". 3- "O País regrediu à idade média. Mas no obscurantismo construíram-se ruínas de instituições". 4- "Temos de ter a coragem cívica de revelar profunda admiração e respeito pelo Lisâneas Maciel. Seus filhos encontrarão nos anais do Congresso a marca da sua luta enquanto nós deixamos a marca do nosso silêncio". 5- "Está provado que ia ser feito tudo isso. O MDB só fez antecipar". 6- "O Congresso vai sair do recesso branco e entrar no recesso Flacão". 7- "Há uma náusea em todos os setores. Não há Sonrisal suficiente nas farmácias do País". 8- "O governo não tem respaldo popular para enfrentar urnas, eleições". 9- "Só cabe à oposição exercer o ofício de Oposição, sem contemplação". 10- "Não haverá mais lugar no MDB para os tímidos, os prudentes, os demasiadamente moderados". (Pela transcrição, E.M.)



CARDÁPIO

Ajude a combater a inflação. Troque aquela salada de chuchu insosso por galinha fricassê, ostras au gratin, perna de carneiro com trufas, coisinhas assim. Afinal, é hora de apertar o cinto. (E.M.)

SESSÃO CORRIDA

A moça entrou, sentou-se abriu a sacola e tirou o maior tricô, aqueles de agulha grossa, ponto meia. Lá na frente, dá-lhe gritaria do mais votado. E a moça só ali, tricotando.

Às fileiras tantas, guarda tudo na sacola e sai comentando:

—Puxa, sessão da Câmara rende, hein! Pena que dê sono. (E.M.)

Escritório Comercial Leonel
Rua Vitorino JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

OMELHOR RODÍZIO
A 80 KM POR HORA
RESTAURANTE VIDEIRA
VIA ANHANGUERA, KM 65



MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial — JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - fones 434-4482 e 436-5086
SÃO PAULO **CAMPINAS**
Filial **Matriz**
Fones: 31-3403 e 31-4303 - Fones 227-0419 e 227-0453

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA

Lentes Varilux 2. O bifocal mais avançado do momento. Visão total a todas as distâncias. A ausência de aberrações permite o uso confortável, desde os primeiros dias de uso. Temos nas cores: fotocromático e incolor.

RUA BARÃO DE JUNDIAÍ, 1012
Fones: 434-7363 — 434-4351

O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE



O CRIME NÃO COMPENSA

Uma reação sui generis provocada pelos preços do café, que continuam transformando os hábitos de consumo nos Estados Unidos: as autoridades carcerárias do Estado do Alabama decidiram que seus presos não pertencem à elite que hoje, nos EUA, tem condições de beber aquilo que os cronistas de antanho chamavam de ouro negro da rubiácea. Café, só aos domingos e feriados.

Consta que por via das dúvidas, a rede de penitenciárias daquele Estado já está recebendo instruções para ampliar as medidas de segurança durante os períodos em que os presos terão que se adaptar à dieta de seus colegas britânicos: chá. (SF)



BARÃO, 876
SUBSOLO

Me recuso a responder à altura. Para isso inevitavelmente teria de me abaixar. E minhas costas não estão acostumadas a envergarem. (Kazuo)

AÇOUGUE E CASA DE
CARNES MARCIO
CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone-436-4880

NOVIDADE /
Charme
CALÇADOS /
RODÁRIO 626

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 — tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

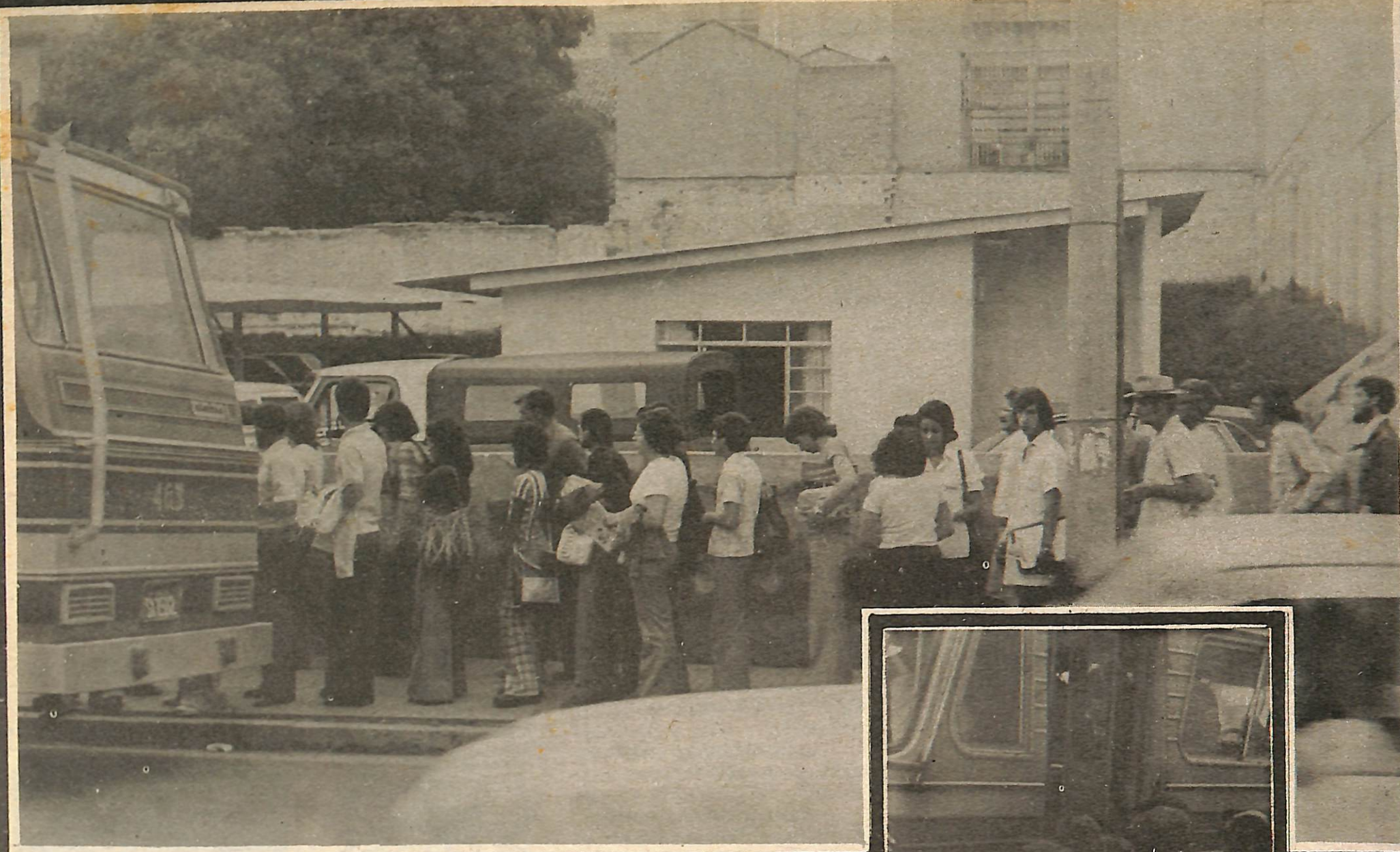
UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA-RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória s/n.o - J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666



TUDO AZUL? PERGUNTE AOS PASSAGEIROS.

17:30, ônibus lotado com operários, empregadas domésticas e outros trabalhadores. Na subida da Vila São Paulo o carro pára (fora do ponto). As pessoas já começam a se olhar com cara feia e o motorista desce. Iniciam-se os comentários: "que droga, deve ser o pneu de novo"; "acho que é o câmbio, pois parece que ele não consegue por em segunda". Passados alguns minutos os passageiros vão ficando mais irritados e começam a criticar violentamente o ônibus, o motorista, e até a "maldita subida". Sem outra solução descem e esperam o próximo carro — que também vem lotado. Alguns perdem a paciência e seguem a pé para suas casas. Outros esperam que o movimento diminua para que consigam um vaziozinho dentro dos coletivos.

Cenas semelhantes têm ocorrido diariamente em muitas das antigas linhas da Auto Ônibus Jundiá que são servidas por carros totalmente sem condições de fazê-lo. Isso, como se não bastasse os problemas de superlotação, tarifas, troco errado e muitos outros que já se tornaram comuns às pessoas que se utilizam desses transportes.

"Além disso os ônibus são verdadeiros chiqueiros. — fala um usuário do Vila São Sebastião — Assoalho furado, banco quebrado, sujeira. . . A parte mecânica então deve estar a ponto de ir para o ferro velho. Todo dia estraga alguma coisa. Mas não adianta, eles dão uma reparadinha e lá está a lata circulando novamente".

Os moradores da Vila Esperança também reclamam da insuficiência dos carros e além disso do percurso do ônibus, que deveria se estender "pois — falam — a Vila cresceu e o ponto final continua no mesmo lugar".

Um senhor que se utiliza de diversas linhas aponta outras falhas: "como se não bastasse os ônibus serem todos azuis, eles ainda passam correndo. A pessoa acaba dando sinal e pegando ônibus errado. Então ele sugere que a empresa coloque números nas linhas para que a leitura seja mais rápida: "Qualquer analfabeto consegue guardar e ler mais facilmente um número".

"Um amigo meu — continua esse senhor — ficou uma hora esperando um ônibus, e sabe porquê? Veja: no letreiro está

escrito "Vila Rio Branco — Via Pte. São João"; numa placa ao lado "Jardim Danúbio"; já do outro lado lê-se "Estação". Então o sujeito fica sem saber qual o destino. Ou ele perde o ônibus até que consiga decifrar tudo isso, ou então fica na dúvida e perde do mesmo jeito".

Ao que parece, também os usuários das novas linhas da Auto Ônibus Jundiá não estão contentes com os serviços, apesar de terem a princípio, se impressionado com os "novos e bonitos Mercedes". Dizendo que muitos dos ônibus extras foram cortados, um passageiro do "Vila Rami" comenta: "entre as cinco e seis horas da tarde está insuportável pegar condução. Na Praça da Bandeira, por exemplo, ele nem pára naquele ponto. É justamente nesse horário lá está toda a turma do Senai e mais o pessoal que volta do trabalho. Outro ônibus só mais ou menos às seis e cinco. Eu, por exemplo, ainda vou estudar, e nessa vida corrida que a gente leva esse tempo perdido quer dizer ficar sem banho ou, sem janta ou até perder hora da escola. Em horário de menor movimento eles apelam de uma vez — já cansei de ficar meia hora esperando".

Outro morador da Vila Rami tem mais algumas queixas a fazer contra os motoristas e cobradores. "Não sei se eles se atrasam porque já perdi até meu sapato e quase que vai a perna junto naquela correria de fechar a porta e sair com o carro correndo". "E tem mais — continua o usuário — você veja que falta de consideração com os passageiros: não há um ponto sequer em toda a linha que tenha cobertura. Imagine o caos que é em dia de chuva".

Na quarta-feira, dia 13, vários funcionários, como alguns do Hospital Santa Rita, perderam o dia de trabalho. Os ônibus da linha (Jardim Bonfiglioli -via Hospital) que deveriam começar a circular às 4h30 só funcionaram a partir das 7 horas. O mesmo ocorreu na linha do Retiro, deixando muitos empregados revoltados, principalmente aqueles que deveriam "bater o ponto" em seus locais de trabalho. Um deles fala indignado: "Vou acabar perdendo o emprego por causa dessa porcaria. Mais tarde eu ouvi falar que os ônibus não vieram porque dez dos motoristas faltaram — parece que também está havendo problemas de salários".

Na garagem da Viação Jundiáense estão os 32 ônibus que pararam de circular desde que a Auto Ônibus Jundiá tomou posse das linhas de que era concessionária e que estavam subcontratadas para outras empresas. A cada oito dias, é feita uma caravana com os carros, que percorrem o itinerário da linha do Castanho, única que a Jundiáense manteve. Enquanto isso, os funcionários estão recebendo seus salários normalmente, inclusive com as horas extras que costumavam fazer. Com isso, a empresa está tendo que gastar 15 mil cruzeiros por dia e deixando de arrecadar os 40 mil diários, que era sua receita. O proprietário, Izeu Calegari, afirma que essa situação poderá perdurar no máximo por mais um mês. Depois, será o desastre.